

G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO



PRESIDENTE

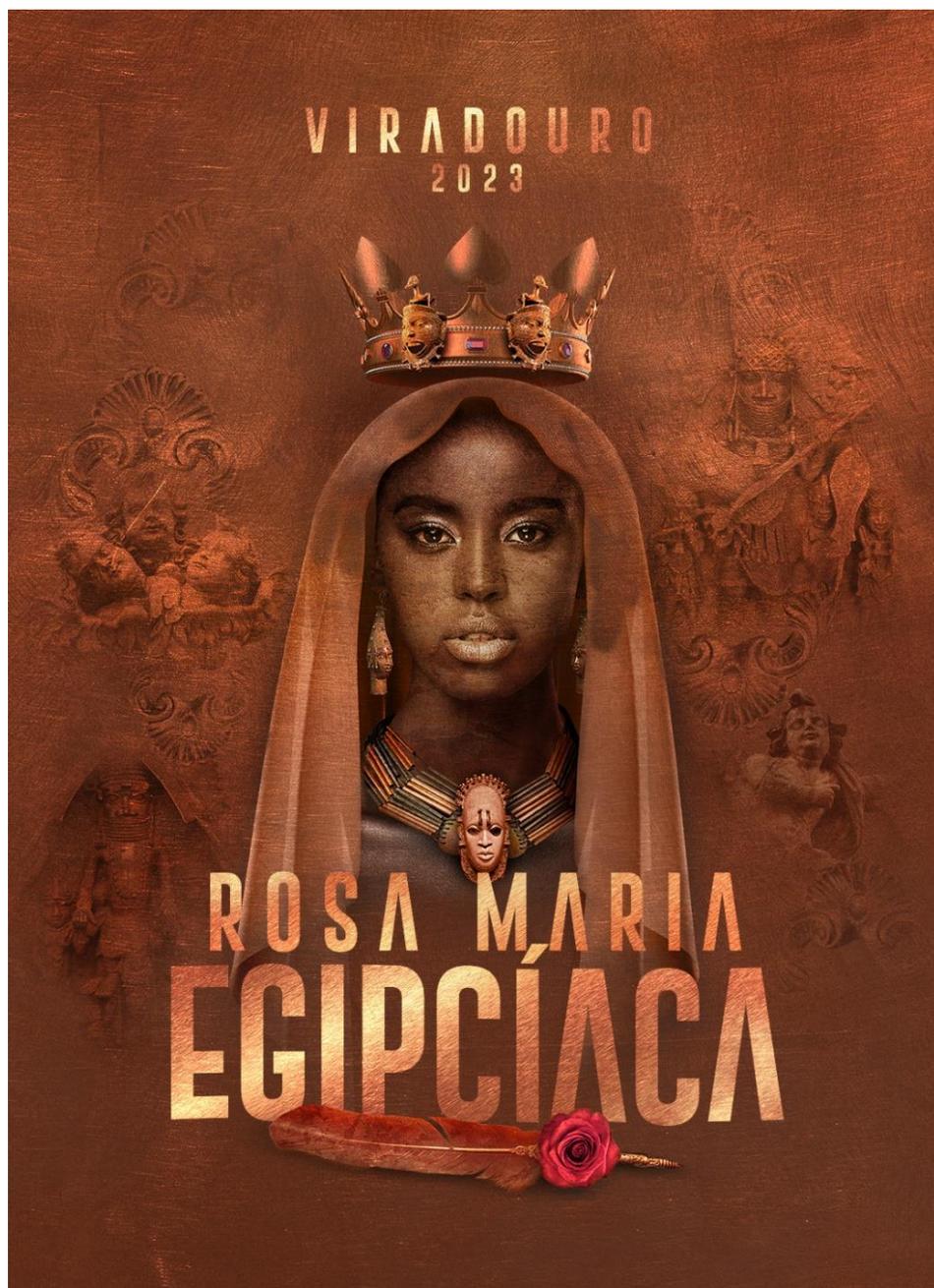
MARCELO CALIL PETRUS FILHO

PRESIDENTES DE HONRA

JOSÉ CARLOS MONASSA BESSIL (EM MEMÓRIA)

E MARCELO CALIL PETRUS

“Rosa Maria Egipciaca”



Carnavalesco
TARCÍSIO ZANON

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo "Rosa Maria Egípcíaca"					
Carnavalesco Tarcísio Zanon					
Autor(es) do Enredo Tarcísio Zanon					
Autor(es) da Sinopse do Enredo João Gustavo Melo e Tarcísio Zanon					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile João Gustavo Melo e Tarcísio Zanon					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O Reino Encantado: crônica sebastianista.	ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar.	Editor do Organizador	2017	Todas
02	Laroyê, Xica da Silva: narrativas encruzilhadas de uma incorporação no carnaval carioca.	ANTAN, Leonardo	Carnavalize	2021	Todas
03	De reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do golfo do Benim para Minas Gerais.	MAIA, Moacir Rodrigo de Castro	Arquivo Nacional	2022	Todas
04	Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz.	MARANHÃO, Heloísa.	Rosa dos Tempos	1997	Todas
05	Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil.	MOTT, Luiz.	Bertrand Brasil	1993	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
06	Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro, In Escravidão, Homossexualidade e Demonologia.	MOTT, Luiz	Ícone	1988	87-118
07	FÉsta Brasileira: folias, romarias e congadas.	PERES, Eraldo.	Editora SENAC	2010	Todas
08	Almanaque de brasilidades: um inventário do Brasil popular.	SIMAS, Luiz Antônio.	Bazar do Tempo	2018	Todas
09	Negros feiticeiros das Geraes: práticas mágicas africanas e repressão em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII.	SOUSA, Giulliano Glória de.	Anais da Anpuh	2012	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Tarcísio Zanon: é designer gráfico formado pela Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes, e pós-graduado em Carnaval e Figurino pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). A carreira de Tarcísio começou em 2014 como assistente de carnavalesco na Estácio de Sá, na Série A. No ano seguinte, Zanon assumiu o Carnaval da vermelho e branco com um enredo em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Logo na estreia, Tarcísio foi campeão, levando a Estácio de Sá para o Grupo Especial.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Além disso, foi premiado como Revelação do ano. Já em 2016, no Grupo Especial, junto com o carnavalesco Chico Spinoza, conquistou o Estandarte de Ouro pela Melhor Ala de Baianas. Em 2017, levou o prêmio Zilka Sallaberry pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pela cenografia da peça “João e o Alfaiate”, da companhia Etc. e Tal. A partir de 2018, passou a assinar sozinho os desfiles da Estácio de Sá.

O profissional assumiu também a função de figurinista do carnavalesco Alexandre Louzada, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Na ocasião, faturou prêmios como melhor figurinista. Em 2019, conquistou mais um título da Série A pela Estácio de Sá, levando a agremiação de volta para o Especial. Ainda foi um dos responsáveis pelos figurinos da novela “Jesus”, da TV Record. No Carnaval, em 2020, ao lado de Marcus Ferreira, conquistou o campeonato com a Unidos do Viradouro no enredo sobre as Ganhadeiras de Itapuã.

Em 2022, conquistou a terceira colocação do Carnaval, garantindo todas as notas máximas nos quesitos que defendia: Alegorias e adereços, fantasias e no premiado enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” - um relato ao carnaval carioca pós-pandemia de 1919. É o figurinista da peça teatral “O futuro chegou ontem”, de Kleber Di Lázzare, inspirada no enredo de 22 e que se encontra em cartaz na cidade de São Paulo.

Atualmente é docente de pós-graduação do curso "Carnaval e Figurinos" da Universidade Veiga de Almeida (UVA). É o Artista do traço místico brasileiro. Pesquisador de temas que abordam o cristianismo preto e seus desdobramentos estéticos. Expressa a religiosidade contida nos rituais litúrgicos. Em 2023 traz o enredo “Rosa Maria Egípcíaca”, personagem que traduz o traço ancestral da fé do povo brasileiro.

HISTÓRICO DO ENREDO

ROSA MARIA EGIPCÍACA

A Profecia das Águas

Presságio... Diante do espelho ondulante das águas, a menina courana⁶ sentiu a vida passar diante de si. Uma gota se transformou em oceano, fazendo o real transbordar em vertigem.

Em transe, percebeu-se tragada por um assombroso redemoinho em meio a um dilúvio brutal. Então defrontou-se com o reflexo de uma mulher misteriosa, como que a protegendo da própria sina. A menina chorou frente àquela revelação. Dali em diante, tudo se desfez em mar revolto, apagando as memórias dos seus primeiros anos. Foi rebatizada em águas cariocas, no outro lado do Atlântico. E desse bárbaro ritual de esquecimento, brotou uma nova Rosa, preta e cálida: a Rosa mística do Brasil.

Auri Sacra Fames – A Fome de Ouro

Ainda jovem, seguiu em romaria vigiada, por léguas e léguas mata adentro. Vendida às Minas Gerais, foi obrigada a peregrinar com os cativos pela Serra da Mantiqueira, longo percurso que a assombrava com visões de paraísos e infernos. Entre bruma e poeira, cortava as alterosas cravejadas de sonho e temor.

Nas freguesias mineiras, a sociedade devota do ouro e dos diamantes era sustentada pela depravada escravização na colônia. Cortejos de penitentes saíam pelas vielas do arraial entoando ladainhas. Pediam perdão por muitos pecados, menos o de submeter outros seres humanos a condições degradantes em nome da adoração às pedras e aos metais preciosos. Pacto social que envolvia todo um sistema forjado no privilégio, na degeneração moral e violação da dignidade dos corpos pretos.

Mas havia as frestas sociais. Enquanto servia de oferenda àquela civilização de escândalos e perversões, Rosa acumulou um tanto de joias para se enfeitar e sedas para se cobrir. Os poucos ganhos eram ostentados nos batuques do Acotundá⁷. Na magia da noite escura, encandeada de luar e fogueira, a preta girava saia, saudava as almas e soprava aos ares a fumaça do cachimbo, religando-se à ancestralidade que brotava no terreirão da Fazenda Cata Preta⁸, onde era cativa.

Até que o corpo deu sinais de desgaste. E Rosa se desfez de tudo. Distribuiu aos seus o pouco que havia recolhido, como fez Maria do Egito, a santa meretriz que foi alçada ao altar celestial após doar aos desvalidos toda a riqueza de uma vida. Mais tarde, deixaria de ser a Courana para ser Rosa Egipcíaca, transitando entre a devoção e o misticismo.

⁶ Courana se refere à origem da protagonista do enredo, oriunda da nação courá, (também chamada courana, courama ou curana). O povoado dessa etnia localizava-se na região do golfo do Benim.

⁷ Segundo Luiz Mott, “Tundá” ou dança de “Tundá”, de onde deriva “Acotundá”, eram termos recorrentes em cerimônias de matriz africana no Brasil colonial, sendo registrado em localidades de Minas Gerais.

⁸ Rosa viveu entre 1733 e 1745 na Fazenda Cata Preta, no arraial do Inficionado, entre as montanhas mineiras.

Ventanias, Visões e Possessões

Feitiçaria ou teatro? A freguesia alvoroçada se dividia em opiniões ao testemunhar as possessões da mulher, ocorridas entre rezas e sessões de exorcismo comandadas pelo padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”⁹.

Visagens chegavam a Rosa em ventanias ruidosas que apoquentavam sua mente dividida entre os solfejos dos anjos e os gritos dos malignos. Em êxtase espiritual, ela era saliva e fogo, arrepio e suor, lágrima e vulcão. Sentia, atordoada, a presença de sete demônios pairando sobre si em vertiginosas espirais, possuída tal qual Maria Madalena¹⁰.

Mas, assim como a personagem bíblica, a africana tinha também a alma acalentada pelo amor Divino. E os ventos agora lhe sopravam de volta ao litoral.

A Flor do Rio

Vivendo a debulhar as contas do Rosário, retornou ao Rio de Janeiro por onde desfilava como dileta serva de Deus. Sob o pálio da devoção a Santana¹¹, avó de Cristo, a negra cruzava a fé dos brancos com os cultos ancestrais aos mais velhos, herança da sua origem na costa africana. Rosa impressionava o universo religioso da cidade com seus dons premonitórios, jejuns e flagelações, tornando-se foco de curiosidade e admiração. Um passo para ser cultuada como Santa.

Levada pelo dever de perpetuar os pensamentos devocionais, alfabetizou-se nas letras divinas e passou a escrever compulsivamente. Foi assim que colocou no papel aquele que é considerado o primeiro livro a ser escrito por uma mulher negra no Brasil¹². Desta forma, derramava pelas suas mãos o bendizer da palavra revelada nos pergaminhos mais sublimes. Sentia na pele e no coração as dores das mulheres afastadas do convívio familiar. Assim, a visionária ergueu o Recolhimento, mosteiro com que ela havia sonhado como arca protetora a abrigar almas cujos corpos femininos eram negados pela sociedade.

O poder da vidência não cessava e Rosa sonhou com a imagem de corações¹³ radiosos e brilhantes. Cada vez mais santa no altar popular, foi se tornando mais mística, mais etérea e mais misteriosa. Acusada de heresia, foi levada a Portugal, onde foi inquirida e contou tudo o que viveu. Mas o final desejado por ela era que era muito mais grandioso. Um monumental devaneio apocalíptico.

⁹ “Xota-Diabos” é corruptela de “Enxota-Diabos”, em alusão aos dons ligados ao exorcismo. O Padre seguiu ao lado de Rosa como espécie de protetor espiritual.

¹⁰ Segundo a Bíblia (Lucas, Cap. 8, Vers. 2): “... e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de onde haviam saído sete demônios”.

¹¹ Rosa tornou-se fervorosa devota da Santana, mãe de Maria e avó de Cristo. Ganhou, entre 24 títulos laudatórios, o de “Filha de Santana”. O culto à mãe de Nossa Senhora ganhou grande impulso no Rio de Janeiro nos anos de 1700.

¹² O livro escrito por Rosa Maria Egípcíaca se chamava “Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas”. Poucas páginas restaram da obra.

¹³ Os Corações da Sagrada Família apareceram em forma de visão Rosa, representando os corações de Cristo, da Virgem Maria e de São José. A imagem foi reproduzida, esculpada e adornada, e até hoje está presente em uma capela no convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Mais tarde, Rosa sonhou com outros dois corações, somando-se a estes os corações de Santana e São Joaquim, pais de Maria e avós de Cristo.

A Derradeira Profecia

Revelação. Rosa fechou os olhos e pressentiu um dilúvio de força descomunal que lavaria os pecados da humanidade. Estava novamente frente à imagem que tanto a impressionou na infância: a mesma mulher misteriosa de manto reluzente, protetora do seu destino. Debaixo do majestoso véu das virtudes, revelou-se a face verdadeira: era o próprio rosto de Rosa.

Águas em turbilhão saíam como veios da terra. E daquele reino sobrenatural emergiria não uma, mas duas arcas, flutuando entre a história e o delírio. Em uma, estava ela, no esplendor do seu último desvario; na outra, o rei Dom Sebastião¹⁴, desaparecido em épica batalha em nome de Cristo.

O enlace com o Rei dos Encantados consumaria a união mística para fundar o grande Império Brasileiro. Rosa, enfim, seria o rastro de salvação dos eleitos no triunfante evento do fim dos tempos, inundando as almas de esperança. Assim, cumpriu o enredo de uma vida e agora estava liberta para se tornar a própria Santa na qual se refletia.

Uma Santa Negra no Céu

E lá no firmamento, aonde as águas do dilúvio a arrebataram, um concerto de marimbas e candombes¹⁵ a aclamou em sua saga de fé. Guardas da Santa Coroa, empunhando fitas e bandeiras, uniram-se em batuques para louvar à Santíssima africana que um dia viveu cercada de mistérios e virtudes em uma terra tão plena de vícios quanto de credos.

Folguedos desfilaram em louvor à mulher que virou divindade, em sagrado cortejo de canonização popular. Nos jardins do Palácio Celeste, ela se enxergou em cada rosa que desafia a sorte, insiste em rachar o chão e brota da aridez.

E no altar do Divino, todo enfeitado de flor, a mais bela Rosa orna a coroa do Senhor. Não é uma rosa qualquer. É a Rosa que o povo aclamou!

(Autor do Enredo e Carnavalesco) Tarcísio Zanon
Inspirado no livro “Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil”, de Luiz Mott
Texto: João Gustavo Melo

¹⁴ Monarca português desaparecido na histórica batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, em 1578. Desse episódio, surgiram várias versões místicas sobre o paradeiro do soberano, que passou a ser cultuado no Brasil em diversas religiões, inclusive as de matriz africana.

¹⁵ O candombe (tambor) traz os espíritos à Terra, reunindo, ao seu toque, vivos e mortos. Marimba é um instrumento de origem africana, formado por placas de metal ou madeira, que vibram ao toque de baquetas.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

“Eis a flor do seu altar”.

Assim se anuncia a mais bela Rosa aos pés do Senhor, ao ser recebida nos céus como a santa aclamada pelo povo. No terreiro-altar da Sapucaí, quase três séculos depois da sua passagem como um furacão sobre a Terra, Rosa ganhará o primeiro cortejo em louvor ao seu legado. O som dos tambores irá despertar seus fiéis em uma noite a se fazer manhã para celebrar a devoção à santa da nação courá que desaguou no Brasil para se incorporar à alma popular.

Cantar a glória, o legado e a coragem de mulheres extraordinárias, guerreiras e vitoriosas é vocação essencial da Unidos do Viradouro. Dercy Gonçalves (no Carnaval de 1991), Teresa de Benguela (1994), Anita Garibaldi (1999), Bibi Ferreira (2003) e as Ganhadeiras de Itapuã (2020) são exemplos de heroínas de um Brasil feminino, que samba, que ama, que luta!

Em 2023, o giro da nossa bandeira lançará ao vento o canto que reúne muitas faces em uma só mulher: Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz.

Menina. Meretriz. Feiticeira. Mãe. Rainha. Santa. Espelho d’água a decompor luz sobre outras tantas mulheres que se abrem como pétalas entre os espinhos dos martírios impostos por um sistema marcado pela devoção e pela devassidão nas relações sociais. Foi justamente em meio a esse turbilhão de águas revoltas, que uma criança, apartada da sua origem, veio fazer história no outro lado do espelho mar.

Rosa é oriunda da nação “courá”, forma aportuguesada da palavra que designava o grupo étnico da costa do Benim. Às margens de grandes lagoas e à beira do oceano Atlântico, estava erguido o porto de Uidá (ou Ajudá, como chamavam os portugueses), de onde a menina foi embarcada rumo ao Brasil. A descoberta das ricas jazidas minerais na América portuguesa, na última década dos seiscentos alterou a posição e o volume da navegação em direção ao comércio da Costa ocidental da África, em especial ao porto de Uidá.



www.costadamina.ufba.br

A pequena africana foi uma das mais de 5.700 almas, vindas da Costa da Mina, que chegaram ao Brasil no ano de 1725. Na pia batismal receberia, dali em diante, o nome de “Rosa”. A partir desse marco em sua trajetória, uma série de acontecimentos passou a constituir a personalidade de uma vida breve (Rosa viveria pouco mais de 40 anos), mas de impressionante intensidade.

Com “Rosa Maria Egípcíaca”, a Viradouro busca reorganizar imaginários, revelando o arco épico cheio de reviravoltas de uma mulher preta, que foi de meretriz a santa em uma sociedade entranhada de hipocrisia, contradições e racismo. Ao longo do desfile, a escola esculpirá a imagem da courana não apenas como mártir em meio ao vendaval do destino, mas também como agente da própria história, por meio de frestas simbólicas para tentar subverter a perversão econômica, social e religiosa da sociedade escravista.

A incrível saga de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, cujo nome português apaga a origem da menina da costa da Mina, é um desses episódios preciosos garimpados em pesquisas de autores abnegados que se unem à arte popular das escolas de samba, instituições culturais que mineram tesouros no Brasil profundo para lapidar histórias e traçar outras perspectivas sobre a nossa formação. Nenhum esquecimento é acaso. Nenhum apagamento é destino. Há muito o que se dizer sobre um povo que reza ao mesmo tempo em que escraviza, que maldiz deuses ancestrais e adora santos de ouro.

Nesse turbilhão de credos e de contradições, construíram-se formas próprias de manifestações da fé, até mesmo como estratégia de sobrevivência. O catolicismo popular, do qual o culto a Rosa Maria Egípcíaca pode ser considerado representante, constituiu-se a partir do sincretismo de rituais e veneração aos santos, erguendo-se no Brasil às custas de muitas negociações, interdições e resistências. Assim, cortejos, novenas, bênçãos, exorcismos, padroeiros e promessas fazem parte do rosário de ritos devocionais vivenciados no Brasil colonial. Eis o altar em que Rosa será glorificada.

Entre andores e andanças, apresentamos em seis setores a saga de Rosa Maria Egípcíaca, segundo transe e visões beatíficas que a seguiram por toda a vida. Epopeia entrecruzada com fatos que fizeram da courana personagem singular que contempla muitas vertentes, virtudes, mistérios e sortilégios. Por meio de pesquisas a partir da bibliografia disponível, sem abrir mão dos devaneios e vertigens narrativas que o Carnaval permite, vamos desfilar em louvor à africana, elevada ao altar de divindade e canonizada no coração do povo.

Rosa vive em cada mulher preta que insiste em brotar coragem no chão de memórias preciosas garimpadas em meio aos resíduos do passado. Uma saga que atravessa cerca de trezentos anos e que ainda ressoa intuitivamente nas almas, nos corações e nos tambores que habitam a nossa pele. Assim, a profecia da santa negra finalmente se cumprirá no “amor em cada olhar dos filhos meus”, manifesto em forma de canto à ancestralidade que nos constitui.

Rosa é a rasura que sempre se quis apagar, mas que o povo nunca vai deixar esquecer.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – A PROFECIA DAS ÁGUAS

**Comissão de Frente
“EIS A FLOR DO SEU ALTAR”**

**Elemento Cênico
ROSA MÍSTICA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Julinho Nascimento e Rute Alves
O REINO MÍSTICO DAS
LAGOAS DE UIDÁ**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
A MENINA COURÁ
(obs.: parte das integrantes da Ala 01 –
Baianinhas atuará como Guardiãs do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira)**

**Ala 01 – Baianinhas
A MENINA COURÁ
(Obs: parte das integrantes da Ala 01 –
Baianinhas atuará como Guardidãs do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira)**

**Tripé I
UMA GOTA SE FAZ OCEANO
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, a
criança do pede-passagem descera do tripé e fará
uma encenação com a Ala 01)**

**Ala 02-A- Comunidade
RESISTÊNCIA COURANA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
TURBILHÃO DE MEMÓRIAS**

Ala 02-B – Comunidade
RESISTÊNCIA COURANA

Musa I
Carolina Macharethe
INCORPORAÇÃO ANCESTRAL

Alegoria 02
O DESAGUAR NO RIO

2º SETOR – AURI SACRA FAMES- A FEBRE DO OURO

Ala 03 – Comunidade
PEREGRINAÇÃO ÀS MINAS:
VERTIGENS NA SERRA DA
MANTIQUEIRA
(Obs.: Alguns componentes conduzem
costeiros sobre rodas)

Destaque de Chão
Cristiano Moratto
ROMANUS PONTIFEX
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, o
destaque de chão irá interagir com a Ala 04)

Ala 04 – Comunidade
A PROCISSÃO DOS DEGENERADOS
(Obs.: parte dos integrantes carregam o
elemento cênico ADORAÇÃO AO DEUS
DO OURO)

Ala 05 – Comunidade
A MINERAÇÃO

Ala 06 – Comunidade
O ACOTUNDÁ

Ala 07 – Comunidade
AS FILHAS DE EVA

Musa II
Lore Improta
SEDUÇÃO DO OURO

Alegoria 03
A FAZENDA CATA PRETA

Personagem de Chão I
Vivi D'Sousa
OFERENDA
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, a
personagem de chão irá interagir com o Grupo
Performático I)

Grupo Performático I
A PROCISSÃO DOS DESVALIDOS

3º SETOR – VENTANIAS, VISÕES E POSSESSÕES

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Thiaguinho Mendonça e Amanda Poblete
ESPIRAIS DE POSSESSÕES

Guardiões do
2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
PROTETORAS DA ESPIRAL MÍSTICA

Ala 08 – Comunidade
ANJOS E DEMÔNIOS

Personagens de Chão II
Valci Pelé
ARQUÉTIPO DO MAL
Valci Pelé (coordenador da ala) virá
acompanhado de uma das passistas femininas

Ala 09 – Passistas
POSSESSÕES E FEITIÇARIAS

Rainha de Bateria
Erika Januza
AFECTO

Mestre de Bateria
Ciça
TUTOR ESPIRITUAL

Ala 10 – Bateria Furacão
Vermelho e Branco
PADRE FRANCISCO GONÇALVES
LOPES: “XOTA DIABOS”

Ala 11 – Comunidade
PROVA DE FOGO

Ala 12 – Comunidade
A BEATA DAS BRASAS

Alegoria 04
A BATALHA ESPIRITUAL

4º SETOR – A MÃE FÉRTIL DA CRIAÇÃO

Ala 13 – Comunidade
LUZ DA CRIAÇÃO DIVINA

Personagem de Chão III
Tia Cléia
MATRIARCA DA SAGRADA FAMÍLIA

Ala 14 – Baianas
A DEVOÇÃO A SANTANA

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
João de Oliveira e Duda Martins
A FLOR DO RIO

Tripé II
O ACOLHIMENTO

Ala 15 – Comunidade
A CHAMA DO SAGRADO CORAÇÃO

Ala 16 – Comunidade
A ESCRITA MÍSTICA

Musa III
Thays Busson
INSPIRAÇÃO DIVINA

Alegoria 05
PRETO RELICÁRIO

5º SETOR – A DERRADEIRA PROFECIA

Ala 17 – Comunidade
A INUNDAÇÃO

Personagens de Chão IV
Duda Almeida e Paulo Vitor Dias
ROSA RAINHA E DOM SEBASTIÃO
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, as
personagens de chão irão interagir com o
Grupo Performático II)

Grupo Performático II
CORTEJO MÍSTICO DE DOM SEBASTIÃO E
ROSA EGIPCÍACA

Tripé III
NAVEGA A ESPERANÇA À LUZ DO
ENCANTADO

6º SETOR – UMA SANTA NEGRA NO CÉU

Ala 18 – Comunidade
FESTA DO DIVINO

Ala 19 – Juvenil
PALHAÇOS DA FOLIA DE REIS

Ala 20 – Comunidade
A CAVALHADA

Ala 21 – Compositores
A GUARDA DE MARUJOS

Ala 22 – Comunidade
A CONGADA

Ala 23 – Projeto de Casais de
Mestres-Salas e Porta-Bandeiras
NOSSO MANTO EM DEVOÇÃO

Ala 24 – Velha-Guarda
DEVOTOS DE ROSA MARIA
EGIPCÍACA

Musa IV
Belinha Bonfim
A MAIS BELA ROSA AOS PÉS DO SENHOR

Alegoria 06
A SANTA QUE O POVO ACLAMOU

Grupo de Convidadas
O BRASIL DE MUITAS ROSAS

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	Tripé I UMA GOTA SE FAZ OCEANO 	<p>De repente, a menina da nação courá sentiu a vida passando diante de si como um turbilhão. Uma gota se fez oceano, e o seu mundo se perturbou. A visão diante das águas, condutoras de memórias e passagem entre o mundo real e espiritual, era o prenúncio do protagonismo que a pequena courana teria em sua saga cercada de mistério e misticismo. Na região lacustre de Uidá, às margens do Atlântico, a premonição se deu em imagens estilizadas de animais marinhos e vegetação aquática, com formas e cores inspiradas na arte forjada em cobre da região do golfo do Benim. O suave movimento das águas prenunciava a mudança profunda que se abateria sobre a menina.</p> <p>Personagem: Gabi Reis Fantasia: Menina Flor dos Courás</p> <p>(Obs: Em determinados momentos do desfile, a criança do pede-passagem descera do tripé e fará uma encenação com a Ala 01- Baianinhas.)</p>

**Essa imagem é do croqui original e serve como referência*

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>TURBILHÃO DE MEMÓRIAS</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Tragada pelos próprios devaneios, a courana se viu em meio ao turbilhão que a inundou de referências aquáticas re combinadas com imagens do golfo do Benim. O tom em cobre remete à arte da região. Já os esverdeados reproduzem a ação do zinabre (camada esverdeada resultado do processo de oxidação) sobre o metal, uma metáfora sobre a ação do tempo que age sobre a memória. Entre o fluxo e o refluxo das marés, a profecia das águas se manifesta em figuras marinhas que chegam às profundezas do oceano, regiões abissais da mente da menina. Nessa vertigem profética, os sentidos são conduzidos pela rotação dos rebojos (movimentos na superfície que levam às regiões mais profundas), representados por seis círculos que giram de acordo com o movimento dos peixes. Ao centro, máscaras adornadas com aplicações de corais resgatam as memórias da menina que nunca esqueceu os saberes e os costumes do seu povo. À frente, a grande cabeça courá se projeta entre tentáculos e seres marinhos, tomando uma configuração de mistério e delírio. Tendo como inspiração o encanto e o misticismo, o conjunto se compõe visualmente pela ala “Nação Courá”, que está à frente do carro e se prolonga na parte de trás até chegar à segunda alegoria. Integram ainda o visual componentes vestidos de peixes abissais manipulando as peças no interior do carro, além de um grupo coreografado nas laterais que reproduz o assombro da criança diante do próprio destino.</p> <p>Destaque: Maurício Pina Fantasia: Delírio em Águas Profundas Composições performáticas (nos elementos giratórios): Peixes no Rebojo Marinho Composições técnicas (Equipe de movimento): Peixes Abissais Composições coreografadas: Vertigem Courana</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DESAGUAR NO RIO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>As águas que inundaram a imaginação da menina se tornaram elemento fundamental no rito de passagem de sua forçada conversão à fé católica. Entre o transe e realidade, ela se viu em meio a uma nova vida no outro lado do espelho Atlântico. O sacramento era maneira de reafirmar simbolicamente o rompimento com a própria origem, tendo a água como símbolo de renovação e de apagamento. No batismo, escravizados recebiam um novo nome em língua portuguesa. Dali em diante, a menina courana passou a se chamar Rosa. O rito de conversão católica se deu em 1725, ano em que outros 275 escravizados vindos do continente africano também foram batizados na antiga capela dedicada à Nossa Senhora da Candelária (então conhecida como Igreja da Várzea, por estar localizada na parte plana da cidade), que futuramente viria a ser a imponente Igreja da Candelária, santidade que também é conhecida como Virgem das Candeias. A devoção à santa é bastante popular na Espanha, cuja festa se dá em 2 de fevereiro, assim como Iemanjá, mãe dos peixes e deusa das águas salgadas. Na alegoria, a fachada estilizada do antigo templo é cenário para a visão alegórica do rebatismo de Rosa. A escultura de uma divindade mística derrama as águas do sacramento sobre a menina. O templo é adornado com motivos aquáticos, formando um conjunto visual que interliga toda a abertura do desfile.</p> <p>Destaque lateral direito: Ray Menezes Fantasia: Sacerdote das Águas Vertiginosas</p> <p>Destaque lateral esquerdo: Marcelo Gonçalves Fantasia: Pontífice do Sacro-reino Aquático</p> <p>Composições femininas: Memórias da água</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>A FAZENDA CATA PRETA</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Encravada em um vale cercado de montanhas ricas em ouro e pedras preciosas, ergueu-se a Fazenda Cata Preta, no arraial do Inficionado, onde Rosa viveu dos 14 aos 32 anos. A suntuosa residência de dois andares, pertencente à abastada família de Paulo Rodrigues Durão e Ana Garcês Durão, com grandes portas e janelas, era uma típica construção colonial mineira. A ostentação às custas da atividade mineradora contrastava com as condições degradantes a que os escravizados eram submetidos. Atraídos pela promessa de enriquecimento rápido, homens de várias origens iam em romaria ao arraial em busca de jazidas de ouro e de diamantes de muitos quilates, vivendo entre virtudes e tentações. Assim Rosa entrou na fase adulta: imersa em um cenário de intensa religiosidade, proporcional à fome de ouro e volúpia no pequeno povoado. A alegoria reproduz a atmosfera de falso recato na colônia, trazendo a courana em dois momentos: à frente, como meretriz, entre ouro e pedras preciosas, e atrás, no momento em que abre mão dos poucos bens que acumulou para doar tudo aos outros escravizados. O contraste entre as duas fases de Rosa aponta para a mudança vivida por ela ao longo da sua trajetória na fazenda Cata Preta.</p> <p>Destaque central alto: Luanda Ritz Fantasia: O Fausto de Dona Ana Garcês Durão</p> <p>Destaque central baixo: Luana Bandeira Fantasia: Rosa Meretriz</p> <p>Composições cênicas: Fidalguia, mineração e meretrício.</p> <p>Composições femininas (nas varandas): Tentações Preciosas</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	A BATALHA ESPIRITUAL  <i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i>	<p>Em Minas Gerais, Rosa sentia a presença de sete espíritos malignos que se apossavam do seu corpo e da sua mente. Vexada pelos demônios (chamados por ela de “Afecto”), a courana tinha reações assustadoras, como alteração da voz, respiração arquejante, gritos descontrolados e perda dos sentidos. Os que presenciavam as possessões públicas de Rosa dividiam-se entre o assombro e a compaixão. Tais manifestações chamavam cada vez mais atenção dos fiéis do Inficionado e de toda a região, criando uma aura mística em torno da imagem da preta courá. Um dos santos de devoção de Rosa, invocado pelo padre Xota-Diabos nas sessões de exorcismo, era São Miguel Arcanjo, benfeitor dos exércitos celestes. O enviado de Deus desceria dos céus para, com espada em punho, lutar contra o “Afecto”, espíritos que vexavam Rosa, em uma intensa batalha espiritual. A alegoria traduz visualmente a luta interior da courana, em que vozes misteriosas provocavam alucinações e perturbavam sua mente. Nessa peleja entre o bem e o mal, os espectros malignos são vencidos quando São Miguel Arcanjo crava sua bem-aventurada espada e faz com que os demônios sucumbam diante do poder Divino.</p> <p>Destaque: Rodrigo Totti Fantasia: Espectro Maligno</p> <p>Composições (masculinas e femininas): Possessões Demoníacas</p> <p>Performance: Demônios em Batalha Espiritual</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé II</p> <p style="text-align: center;">O ACOLHIMENTO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>No coração do Rio de Janeiro, Rosa Maria edificou a sua obra maior: o Recolhimento do Parto. O prédio estava localizado entre as antigas ruas da Candeia e dos Ourives (atualmente, ruas da Assembleia e Rodrigo Silva) e era destinado, segundo a própria courana, a "mulheres pecadoras que nos confessionários diziam que tinham ofendido a Deus por não terem casas para morar". Assim, acolhia meninas abandonadas pelos pais e mulheres deixadas pelos maridos. A africana ganhou o título de mãe do Recolhimento, onde as internas e devotas passaram a idolatrá-la. O tripé apresenta poeticamente a imagem de Rosa acolhendo sob seu manto as filhas espirituais que ajudou a criar. A escultura de Rosa mãe desfila entre adornos que simbolizam a caridade, a compaixão e a luz do amor Divino.</p> <p>Destaque central baixo: Susie Monassa Fantasia: Devoção a Nossa Senhora do Bom Parto</p> <p>Destaque central alto: Talita Monassa Fantasia: Chama do Amor de Madre Rosa</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>PRETO RELICÁRIO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>As cores e elementos da alegoria são inspirados em uma capela construída no claustro do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, Centro do Rio de Janeiro. O lugar abriga, há quase trezentos anos, a materialização de uma das vidências de Rosa, obtida por revelação divina: os Sagrados Corações. A visão ocorreu em um dia de Páscoa de 1754, e logo foi ordenado que fosse reproduzida em escultura, de acordo com a idealização da courana. A devoção aos Sagrados Corações se popularizou entre autoridades católicas no Século XVIII, sendo Rosa uma das principais expoentes do culto a essas imagens no Brasil. No carro alegórico, em primeiro plano, estão anjos com asas em forma de livro, representando aquele que seria o primeiro a ser escrito por uma mulher preta no Brasil: a Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas. Nas páginas abertas reproduzidas na alegoria, estão alguns dos textos originais escritos pela pluma de Rosa em epístolas sagradas que produziu ao longo dos anos, recolhidas durante o processo de inquisição. Nos nichos laterais estão imagens de Santa Efigênia e São Benedito, santos negros que reúnem a devoção popular às divindades de origem africana. No peito das esculturas, componentes em balanços representam o pulsar da fé do povo em devoção aos santos pretos no Brasil.</p> <p>Destaque central alto: Edmilton Paracambi Fantasia: Chama Eterna do Sagrado Coração</p> <p>Destaque central baixo: Victória Castelhana Fantasia: Manuscritos de Fé</p> <p>Composições (masculinas e femininas): Rosa do Divino Amor</p> <p>Performance (nos balanços laterais): O Pulsar da Fé nos Santos Corações</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé III</p> <p>NAVEGA A ESPERANÇA À LUZ DO ENCANTADO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>O elemento alegórico reproduz simbolicamente a visão de Rosa e a aliança com o Rei dos Encantados. Segundo a profecia da courana, o Rio de Janeiro sofreria um dilúvio “que nunca se viu outro em todo mundo”. A salvação viria em embarcações a flutuar pelos mares do encanto. As águas que trouxeram Rosa ao Brasil, desta vez a devolveriam à glória eterna, findando a sua trajetória sobre a Terra no Tribunal da Inquisição em Lisboa. Mas o que a antevisão da madre Rosa desenhava em sua imaginação era um esplêndido enlace com o místico Rei português, desaparecido em misteriosa batalha contra os mouros em nome da fé cristã, ocorrida cerca de dois séculos antes. O tripé reinterpreta a visão profética de Rosa, que a partir do grande evento do fim dos tempos se transformaria na fausta rainha do grande Império Brasileiro, monarquia do povo, em que um grandioso cortejo de folguedos prepararia seu triunfo apoteótico: a canonização como a Santa Africana do Brasil.</p> <p>Destaque: Paula Braga Fantasia: Ninfa do Grande Dilúvio</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>A SANTA QUE O POVO ACLAMOU</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Na página 725 de “Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil”, o antropólogo Luiz Mott, que resgatou os depoimentos e a trajetória da preta courana no livro lançado há trinta anos, profetizou: “O que sabemos ao certo sobre a vida e visões de Madre Rosa é mais do que suficiente para inspirar um filme de longa metragem ou o enredo de escola de samba. Ela merece tais comemorações”. Assim, a Viradouro desfralda o pavilhão, sua imagem mais sagrada, para a grande cerimônia popular de canonização de Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz. A nossa coroa cintila como relíquia de adoração às divindades evocadas na pele do tambor. No palácio celestial que flutua de forma alegórica sobre o chão da Sapucaí, cada mulher é semente e flor que desabrocha do incerto e que floresce do impossível. E o mar de gente que segue em cortejo entoa a voz em manifesto por todas as meninas, meretrizes, feiticeiras, mães, rainhas e santas. O canto desta manhã de carnaval é o de um Brasil refundado no feminino, na energia potente da coletividade e na alegria das celebrações elevadas à glória dos altares que o próprio povo tratou de enfeitar.</p> <p>Salve a Rosa Mística do Brasil! Salve a santa que o povo aclamou!</p> <p>Destaque (junto aos baluartes): Luana Génot Fantasia: Legado de Rosa Maria Egípcia</p> <p>Casal de mestre-sala e porta-bandeira (sobre a rosa): Bênçãos ao Pavilhão Sagrado</p> <p>Composições femininas: Rosas do Jardim Celestial Baluartes (diante da coroa): Devotos de Rosa Maria Egípcia</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Tripé I - A Vertigem das Águas</u> Personagem: Gabi Reis Fantasia: Menina Flor dos Courás</p>	<p>Estudante</p>
<p><u>Alegoria 01 - Turbilhão de Memórias</u> Destaque: Maurício Pina Fantasia: Delírio em Águas Profundas</p>	<p>Cabeleireiro</p>
<p><u>Alegoria 02 - O desaguar no Rio</u> Destaque lateral direito: Ray Menezes Fantasia: Sacerdote das Águas Vertiginosas Destaque lateral esquerdo: Marcelo Gonçalves Fantasia: Pontífice do Sacro-reino Aquático</p>	<p>Artesão Jornalista</p>
<p><u>Alegoria 03 - A Fazenda Cata Preta</u> Destaque central alto: Luanda Ritz Fantasia: O Fausto de Dona Ana Garcês Durão Destaque central baixo: Luana Bandeira Fantasia: Rosa Meretriz</p>	<p>Professora Dançarina</p>
<p><u>Alegoria 04 - A Batalha Espiritual</u> Destaque: Rodrigo Totti Fantasia: Espectro Maligno</p>	<p>Gerente de Marketing</p>
<p><u>Tripé II - O Acolhimento</u> Destaque central baixo: Susie Monassa Fantasia: Devoção a Nossa Senhora do Bom Parto Destaque central alto: Talita Monassa Fantasia: Chama do Amor de Madre Rosa</p>	<p>Empresária Empresária</p>
<p><u>Alegoria 05 - Preto Relicário</u> Destaque central alto: Edmilton Paracambi Fantasia: Chama Eterna do Sagrado Coração Destaque central baixo: Victória Castelhana Fantasia: Manuscritos de Fé</p>	<p>Assessor Executivo Estudante</p>
<p><u>Tripé III - Navega a Esperança à Luz do Encantado</u> Destaque: Paula Braga Fantasia: Ninfa do Grande Dilúvio</p>	<p>Empresária</p>
<p><u>Alegoria 06- A Santa que o Povo Aclamou</u> Destaque: Luana Génot Fantasia: Legado de Rosa Maria Egipcíaca</p>	<p>Ativista</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Local do Barracão Rua Rivadavia Corrêa, nº 60- Barracão nº 01- Gamboa- Rio de Janeiro- Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Barracão Hilton Rosa do Nascimento Filho (Niltinho)	
Ferreiro Chefe de Equipe João Lopes	Carpinteiro Chefe de Equipe Edson de Lima (Futika)
Escultor(a) Chefe de Equipe Flavinho Policarpo	Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis (Lê Art)
Eletricista Chefe de Equipe Júlio	Mecânico Chefe de Equipe Cal
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
João Torres	- Projetista
Nícolás Gonçalves	- Assistente de Carnavalesco
Nino	- Fibra e Pastelação
Vitor Negromonte	- Vime
Biano Ferraro	- Decorador (Carro 01, Carro 02, Tripé I e Comissão de Frente)
Luiz Monsores	- Decorador (Carro 05 e Tripé II)
Bebeto	- Decorador (Carro 03 e Tripé III) e Forrador
Orlando Espuma	- Decorador (Carro 04) e Espuma
Vilmar Almeida	- Espelho
Alan (Carvalho JPC)	- Iluminação e efeitos especiais
Luiz	- Borracharia
Nildo	- Parintins
Alessandro Malta	- Técnico de Segurança
Fabio Moura e Vanderson Torres	- Almoxarifado

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>A Menina Courá</p> 	<p>Nascida entre as águas revoltas próximas ao Porto de Uidá (ou Ajudá, em forma aportuguesada), na Costa da Mina, um dos maiores entrepostos escravistas da história da humanidade, Rosa carregou na pele as memórias dos antepassados. Entre as lagoas da região e o oceano revolto que banhava a costa, a courana viveu os seus primeiros anos sob lembranças e visões aquáticas que cercavam a sua origem. A indumentária da ala de abertura é formada por elementos em tons de laranja e cobre, em meio a rasuras em verde alusivas à ação do zinabre (processo de oxidação do cobre) pelas águas costeiras que revelam as lembranças da criança, capturada em sua terra natal e trazida forçadamente ao Brasil. No chapéu das integrantes da ala, a gota representa o início das vertigens e predições diante da travessia do Atlântico rumo ao novo destino.</p> <p>*Algumas das integrantes da Ala 01 (A Menina Courá), ao chegarem à frente das cabines de julgamento, irão se deslocar para formarem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, criando uma cena em que Rosa se vê diante da realeza da dança das águas de Uidá.</p> <p>*Em determinados momentos do desfile, a criança do pede-passagem descerá do tripé e fará uma encenação com a ala.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)							
Tarcísio Zanon							
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS							
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala			
02 A	Resistência Courana	<p>A escravização de Rosa, que se deu quando tinha apenas seis anos de vida, aconteceu em meio ao contexto de conflitos crescentes entre os daomeanos e os povos que viviam nas proximidades de Uidá. Após violentas batalhas, muitos dos habitantes locais foram capturados e vendidos a traficantes europeus. Ferramentas de guerra, como espadas, lanças e escudos, além de totens em cobre são inspirados na arte esculpida em metal, revelando grafismos e padrões de povos que ocuparam o Golfo do Benim. São memórias que acompanham a imaginação da pequena courana. As formas estilizadas, não uniformes e geometrizadas presentes na fantasia remetem à visão da menina em vertigem, que interliga toda a abertura do desfile. A ala se estende até depois do carro abre-alas e antes da segunda alegoria, formando um fio narrativo em alusão às origens couranas de Rosa.</p> <p>*Figurino com diferentes adereços.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia			
02 B							
*	Incorporação Ancestral				<p>O corpo incorpora e extravasa a origem ancestral que o espírito courano traz de muitas gerações.</p>	Musa I	Carolina Macharethe
							

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Peregrinação às Minas: Vertigens na Serra da Mantiqueira</p> 	<p>Ao longo de doze dias de “romaria” forçada rumo ao novo cativo, na grande jornada em direção ao interior do Brasil, Rosa, então com 14 anos de idade, foi tomada de alucinações diante da paisagem que a cercava. A mata assombrava a jovem peregrina pelas montanhas mineiras, caminhando onde corpo foi prisão em seu cortejo penitente. A ala traz alguns dos componentes com estruturas alegóricas que fazem alusão à vegetação e à fauna com que Rosa se deparou na trilha para o cativo no interior de Minas Gerais.</p> <p>*Alguns componentes conduzem costeiros sobre rodas que remetem às visões de Rosa pela serra</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p>Romanus Pontifex</p> 	<p>À frente da Procissão dos Degenerados, a autoridade eclesiástica desfila representando o luxo da Igreja Católica e a sustentação do sistema escravista por meio da bula <i>Romanus Pontifex</i>, que permitia a exploração da prática na costa africana e no Atlântico.</p> <p>* Em determinados momentos do desfile, o destaque de chão irá interagir com a Ala 04</p>	Destaque de Chão	Cristiano Moratto

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	A Procição dos Degenerados 	<p>A cobiçosa sociedade devota do ouro e dos diamantes era sustentada pela depravada escravização na colônia. Cortejos de penitentes saíam pelas vielas do Inficionado, humilde arraial de mineiros, onde hoje fica o distrito de Santa Rita Durão, município de Mariana. A devoção à fé católica levava a sociedade local às ruas para demonstrar publicamente a crença religiosa e manifestá-la coletivamente. Mas tamanha demonstração de fé escondia a devassidão e a perversão do sistema escravista, marcado também pela extrema ganância e concentração de riquezas, deixando cicatrizes sociais profundas causadas pela desenfreada exploração aurífera.</p> <p>No meio da ala, carregadores vestidos com motivos religiosos em dourado trazem um andor representando a adoração ao falso deus. Integrado ao cortejo, desfila um destaque de chão masculino representando a autoridade católica, cuja doutrina tinha na escravidão a base para a manutenção do sistema mercantilista colonial.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>A Mineração</p> 	<p>Seres humanos submetidos a condições degradantes, os escravizados nas minas de ouro e diamantes resgatavam o conhecimento ancestral dos seus povos, oriundos de diversas etnias, para o trabalho forçado na mineração. Com a força do seu trabalho, sustentavam a pervertida sociedade colonial brasileira, cuja fortuna era construída à base da degradação física e mental dos mineradores. A fantasia remete à contradição existente entre a precariedade do trabalho escravo e o brilho emanado das pedras e metais preciosos extraídos do solo mineiro.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
06	<p>O Acotundá</p> 	<p>O Acotundá - ou Tundá - era um culto ou cerimônia de matriz africana no Brasil colonial, praticado pelos escravizados em cidades mineiras. Entre transes, rezas e tambores, o rito era uma forma de manter laços com a ancestralidade. A manifestação era uma espécie de calundu, termo corrente no Século XVIII, originário da África centro-ocidental, para designar as práticas mágicas dos couranos, realizadas ao som de música e danças com possessão ritual. Na cabeça dos componentes, há a referência aos espíritos cultuados durante as cerimônias.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	As Filhas de Eva 	<p>Rosa era a única mulher a servir na Fazenda Cata-Preta, em meio a mais de setenta cativos. Ofertar o próprio corpo era a forma de sobrevivência em um sistema marcado pela perversão. Era nesse contexto social que Rosa “se desonestava”, vivendo como meretriz. Ou seja, Rosa não era “prostituta”, mas sim “prostituída” por uma sociedade pervertida. No chapéu das componentes desta ala feminina, está a maçã, fruto associado ao pecado, de acordo com o relato bíblico contido em Gênesis. da árvore do paraíso.</p> <p>Segundo os escritos sagrados dos cristãos, Eva teria afrontado o criador ao provar do fruto proibido.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	Sedução do Ouro 	<p>O brilho intenso do ouro representa a conexão com o sagrado. Alguns acreditavam que a energia luminosa que emana do metal seria uma forma de aproximar os humanos das divindades.</p>	Musa II	Lore Improta
*	Oferenda 	<p>A cênica em torno da performance acontece ao redor da figura de Rosa e expressa a presença dela como oferenda às divindades do Acotundá. Representa ainda a oferta do seu corpo e do seu espírito como uma forma de libertação possível aos demais escravizados e a esperança de uma vida melhor aos desvalidos.</p> <p>* Em determinados momentos do desfile, a personagem de chão irá interagir com o Grupo Performático I.</p>	Personagem de Chão I	Vivi D’Sousa

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>A Procissão dos Desvalidos</p> 	<p>Os ganhos de Rosa com a prostituição eram doados aos escravizados que tinham uma situação ainda mais degradante que a dela. Os bens acumulados ao longo do cativeiro na fazenda Cata Preta não foram suficientes para Rosa comprar a própria alforria. Procissões de desvalidos se dirigiam à courana, que passou a ser considerada uma espécie de santidade entre os escravizados, cuja missão era prover a sobrevivência de muitos dos seus irmãos. O grupo, trajando figurinos estilizados, estabelece um contraste com a ala referente à procissão dos degenerados e faz alusão aos escravizados que Rosa ajudou ao doar o seu pecúlio. Faz parte da performance a interação do grupo com a parte de trás da alegoria 3, tendo como pivô a destaque Viviane D'Sousa, representando a iniciativa caridosa de Rosa, que, assim como Maria do Egito, passou a ser cultuada como santa ao ajudar seus irmãos de cativeiro. Assim, foi considerada benfeitora e mulher de muitas virtudes. Mas as visões e possessões que a acompanhavam não cessavam, e Rosa passou a se perceber transitando entre o bem e o mal.</p> <p>*figurinos diversos.</p>	Grupo Performático I	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Anjos e Demônios</p> 	<p>Entre o bem e o mal, visões atormentavam a mente de Rosa. Em transe, anjos e demônios travavam uma batalha espiritual pela alma da courana. A visão dualista, como oposição entre pecados e virtudes, era algo que causava temor e curiosidade entre os que professavam a fé católica no Brasil colonial. Os dois figurinos da ala trazem nas cores e nos símbolos elementos ligados à feitiçaria e ao esoterismo pagão, práticas condenadas pela Igreja, que constituem e assombram o imaginário dos devotos cristãos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p>Arquétipo do Mal</p> 	<p>Diante das possessões e feitiçarias de Rosa, o mal comanda o séquito de feitiçeiros e feitiçeras que se manifestam diante do oculto.</p> <p>*Valci Pelé (coordenador da ala) virá acompanhado de uma das passistas femininas.</p>	Personagem de chão II	Valci Pelé

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Possessões e Feitiçarias</p> <p>Feminino</p>  <p>Masculino</p> 	<p>Acusada de feitiçaria, Rosa manifestava no próprio corpo as atribuições da alma. Em possessões espirituais, a courana apresentava alucinações que a perseguiram. Os tons entre rosa e lilás representam a divindade e o misticismo, presentes no inconsciente coletivo formado sobre o poder maligno que avança sobre as forças do bem. Para as autoridades religiosas, os espíritos diabólicos desviavam Rosa dos caminhos de Deus, ao mesmo em tempo em que pareciam um chamamento para a reafirmação da fé em Cristo.</p>	Passistas (1946)	Valci Pelé
*	<p>Afecto</p> 	<p>A rainha da bateira Furacão desfila como as atribuições espirituais de Rosa. Em visões e êxtases, a courana sentia vozes de almas que a perturbavam, a quem deu o nome de “Afecto”. Tratava-se de uma descarga afetiva de energia sentida por Rosa em suas constantes manifestações espirituais.</p>	Rainha de Bateria	Erika Januza

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Tutor Espiritual 	Francisco Gonçalves Lopes tornou-se o tutor espiritual de Rosa. As possessões da courana levaram o padre a desenvolver uma relação de proximidade com Rosa, transformando-se em um artífice do processo de santificação da africana.	Mestre de Bateria	Mestre Ciça
10	Padre Francisco Gonçalves Lopes: “Xota Diabos” 	As sessões de exorcismo de Rosa eram comandadas pelo padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”. O apelido é uma corruptela de “Enxota Diabos”, expressão que remete aos rituais de exorcismo que comandava. Protetor ou explorador da imagem de Rosa? O fato é que “Xota-Diabos” acompanhou a trajetória da courana ao longo de grande parte da sua vida, sendo seu devoto e confessor, contribuindo para vincular uma aura mística à imagem da negra. Comprou a alforria de Rosa Maria Egípcíaca, propagando a santidade de sua protegida.	Bateria (1946)	Mestre Ciça

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Prova de Fogo</p> 	<p>Manifestar uma força fora do comum, que ultrapasse a capacidade natural do corpo de suportar dores, é uma das provas de possessão espiritual. Como a salamandra, Rosa era imune ao calor das chamas que abrasavam seu corpo. Em uma das sessões de exorcismo, ela foi submetida à queimadura do fogo como penitência, sendo obrigada a encostar a chama de uma vela na parte inferior da própria língua durante cerca de cinco minutos, tempo em que eram feitas orações. A sessão, comandada pelo próprio Xota-Diabos, provou que Rosa, como uma feiticeira, suportaria os tormentos impostos ao próprio corpo, chegando ao limite da dor e da fé.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
12	<p>A Beata das Brasas</p> 	<p>Em suas possessões, Rosa se via transitando entre a virtude o pecado, a calma e o êxtase. Na fumaça do cachimbo, lançava ao ar o sopro etéreo do misticismo. Com a feitiçaria e a devoção se confrontando dentro de si, Rosa dizia que, ao comungar, sentia a hóstia lhe queimar a garganta e a boca como fogo ardente. Cada vez mais caminhando entre o real e o delírio, a courana ia moldando a crença de um cristianismo preto, em que a ancestralidade africana se confrontava com as doutrinas cristãs, gerando conflitos espirituais que atormentavam a mente da beata das brasas. Acusada de feitiçaria, Rosa começava a sentir que seus tempos em Minas Gerais haviam chegado ao fim.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Luz da Criação Divina</p> 	<p>Após cerca de três décadas vivendo nas Minas Gerais, Rosa retornou ao Rio de Janeiro por onde circulava e pregava como devota dos desígnios de Deus. As velas que um dia foram a prova de fogo do poder místico de Rosa guiaram-na à nova trajetória pelo litoral do Brasil. A luz emanada das chamas em castiçais dos altares barrocos das igrejas cariocas e dos oratórios domésticos representava a reafirmação da fé no Divino e as inspirações religiosas da courana, que passou a professar o cristianismo de forma mais intensa e dedicada.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p>Matriarca da Sagrada Família</p> 	<p>Tia Cléia, matriarca da nossa sagrada ala de baianas, veste-se em tributo à matriarca da Sagrada Família, Santana, a avó de Jesus. As devotas de Santana seguem em cortejo de arrebatamento pela energia de bondade representada pela entidade que foi muito cultuada no Rio de Janeiro nos anos de 1700.</p>	Personagem de Chão III	Tia Cléia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>A Devoção a Santana</p> 	<p>Sob o manto da devoção a Santana, avó de Cristo, Rosa cruzava a fé dos brancos com os cultos aos ancestrais, herança da sua origem na costa africana. A imagem santificada da mãe de Nossa Senhora é a inspiração para vestirmos a mais sagrada das alas do nosso desfile. Um céu em pleno asfalto é desenhado na fé do divino amor materno que nos acolhe, nos protege e nos acalanta. É a reprodução figurativa do notável florescimento do culto a avó de Cristo que acontece entre Minas Gerais e Rio de Janeiro no século XVIII, justamente o tempo e os locais em que Rosa viveu como humana. A fantasia, em tons suaves de rosa, azul e ouro, apresenta na parte de trás a delicada reprodução de um costeiro com uma bebê Maria de pele negra, assim como a tradição de muitas sociedades africanas em que as mães levam seus filhos por onde forem, como forma de proteção e afeto.</p>	Baianas (1946)	Tia Cléia

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	A Chama do Sagrado Coração 	<p>O poder da vidência não cessava e Rosa passou a sonhar com a imagem de corações radiosos e brilhantes. Representando a Sagrada Família, cada coração é uma vida e uma alma que se eleva a Deus. A devoção aos “Santíssimos Corações” tornou-se uma incontestável demonstração de fé entre os católicos. A chama representa a visão bíblica da presença de Deus, abrasado de amor pela humanidade. Os corações que Rosa Egipcíaca idealizou em suas visões foram esculpidos e até hoje estão presentes em uma das capelas do Convento de Santo Antônio, localizado no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Relíquia conservada em pleno coração da cidade em que Rosa ergueu sua obra divina.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>A Escrita Mística</p> 	<p>Levada pelo dever de perpetuar os pensamentos devocionais, Rosa alfabetizou-se nas letras divinas e passou a escrever compulsivamente orações e epístolas. Estima-se que no final do Século XVIII, os letrados e semiletrados do Brasil não ultrapassassem 0,5% do total da população. Por isso, o feito de Rosa é ainda mais extraordinário, registrando em pergaminhos sagrados aquele que é considerado o primeiro livro a ser escrito por uma mulher negra no Brasil: “A Sagrada Teologia do Amor de Deus Luz Brilhante das Almas Peregrinas”. Restaram poucas páginas do livro, que foi quase que totalmente destruído às vésperas de sua detenção no processo inquisitório instaurado pela Igreja Católica. A leitura e a escrita, para ela, eram como um chamado de Deus para que eternizasse o legado da sua devoção.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Inspiração Divina 	<p>A alfabetização milagrosa de Madre Rosa se deu por meio da inspiração Divina. As letras sagradas chegaram-lhe através da palavra santa e foram registradas em páginas de fé.</p>	Musa III	Thays Busson
17	A Inundação 	<p>No assombroso esplendor do seu último desvario, Rosa previu o que seria o fim dos tempos, possivelmente inspirada pelas referências bíblicas do dilúvio e relatos do grande terremoto que se abateu sobre Portugal em 1755. Segundo a predição da courana, quando o grande mar salgado se elevasse na costa do Rio de Janeiro, as águas invadiriam até mesmo as montanhas de Minas. A grande inundação possivelmente era a antevisão que Rosa teria de sua prisão e viagem por mar a Lisboa, ficando detida no prédio do Tribunal da Inquisição, nas cercanias da praça do Rossio, onde, dois séculos antes, habitou Dom Sebastião, rei dos Encantados. De uma forma inusitada e sublime, a profecia de Rosa estava cumprida. Resgatamos, assim, a apoteose poética da saga de Rosa no plano terreno, acatando a maneira como ela mesma anteviu sua eternização.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Rosa Rainha e Dom Sebastião</p> 	<p>Acompanhados de um séquito de nobres dos domínios dos encantamentos das águas, o casal imaginário desfila representando o enlace místico que refundaria o país, misto de esperança e delírio de Rosa Maria.</p> <p>*Em determinados momentos do desfile, as personagens de chão irão interagir com o Grupo Performático II.</p>	Personagens de Chão IV	Duda Almeida e Paulo Vitor Dias
*	<p>Cortejo Místico de Dom Sebastião e Rosa Maria Egipcíaca</p> 	<p>O enlace de Rosa Maria Egipcíaca com Dom Sebastião consumaria a união mística para fundar o grande Império Popular Brasileiro. No fim do seu calvário na Terra, ela navegaria ao lado do Encantado em cortejo arrebatado. As evangelistas do Recolhimento do Parto se transformariam em damas marinhas, ladeadas por pajens e vassalos aquáticos. Das águas, surgiria o grande reinado, do qual Rosa se tornaria soberana ao lado do Rei Dom Sebastião. Um reino de liberdade, misticismo e amor que prepararia todo o povo para a grandiosa cerimônia de canonização popular da primeira santa africana do Brasil.</p>	Grupo Performático II	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Festa do Divino 	<p>As águas do fim dos tempos que conduziram à elevação da rainha dos Encantados agora preparam a courana para o seu maior triunfo. Sua glorificação é festiva. No sagrado cortejo de canonização popular, os brincantes da Festa do Divino chegam para a coroação de Santa Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Cortejos que afloraram no Brasil colonial, como a Festa do Divino, percorrem a Avenida com símbolos católicos, como a pomba do Divino Espírito Santo. Oriundo de Portugal, este folguedo foi ressignificado no Brasil, consagrando o imperador do Divino entre batuques e cânticos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
19	Palhaços da Folia de Reis 	<p>Celebração ligada às dramatizações do ciclo natalino, a Folia de Reis se traduz como um dos mais importantes folguedos do Brasil, tornando-se importante teatro de devoção popular. Os palhaços simbolizam os soldados do rei Herodes, que foram ao vilarejo onde Cristo nasceu para matar todos os recém-nascidos. Mas alguns deles, com seus cantos e danças, distraíram outros soldados para a passagem dos reis magos rumo ao berço do filho de Deus. No cortejo dedicado à Rosa Egípcíaca, essas figuras da Folia de Reis desfilam distribuindo cor e alegria no grande auto popular de canonização.</p>	Juvenil (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>A Cavallhada</p> 	<p>Nesse cortejo festivo, não poderia faltar uma das mais tradicionais manifestações originadas em celebrações católicas portuguesas, mas que cavalgou por novas trilhas no coração do Brasil: a Cavallhada. No grande Império Brasileiro, imaginado pela predição de Rosa em seu enlace com Dom Sebastião, Rei dos Encantados, é encenada a batalha equestre entre mouros e cristãos, folguedo que ganhou impulso no Brasil durante o período de esplendor do barroco, estilo marcado, entre outras características, pela dualidade e contraste.</p> <p>*dois figurinos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
21	<p>A Guarda de Marujos</p> 	<p>Formada por personagens tradicionais dos folguedos, a guarda de marujos faz parte do cortejo a Rosa Maria Egipcíaca, desfilando em ruidosa alegria para animar o povo no festejo. A ala de compositores se veste com motivos estilizados de marujos para entoar as cantigas que vêm do mar, trazidas dos recantos mais distantes. Em localidades no interior de Minas e do estado do Rio de Janeiro, a guarda de marujos presta reverências a Nossa Senhora do Rosário. Mas no desfile, a reverência acontece em honra e glória à santa negra courana que o povo aclamou.</p>	Compositores (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>A Congada</p> 	<p>Associados à celebração a santos de devoção negra, os brincantes da congada participam do rito de canonização de Rosa Maria Egípcíaca, revivendo a herança dos cortejos em agradecimento às benfeitorias conquistadas. Entre fitas, fuxicos e festas, os componentes trazem no chapéu a representação da fachada das igrejas coloniais como ligação entre as danças e cânticos aos reis do Congo e o culto litúrgico a santos católicos como Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.</p>	<p>Comunidade (1946)</p>	<p>Harmonia</p>
23	<p>Nosso Manto em Devoção</p>  	<p>Bandeiras desfraldadas para aclamar Rosa Maria! A menina courana que passou como ventania pelo Brasil colonial agora recebe as bênçãos do nosso pavilhão vermelho e branco como forma de devoção. A procissão de manifestações populares em louvação à santa aclamada em cortejos se completa com o bailar de bandeiras que espalham aos quatro ventos a energia dos ancestrais do samba.</p>	<p>Projeto de Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)</p>	<p>Kátia Paz</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Devotos de Rosa Maria Egípcíaca</p> 	<p>E quando Rosa tiver finalmente sua alma consagrada ao Divino, seus devotos irão entoar sua história em forma de samba pela evocação dos tambores. Sua saga de luta será reconhecida pelos quatro cantos do Império Popular Brasileiro, em um legado que será perpetuado em cada voz que entoar o nosso hino na Avenida. E entre esses fiéis de Santa Rosa, estará a nossa velha-guarda, guardiões da tradição, devotos da nossa bandeira e relicário vivo do samba.</p>	Velha-Guarda (1946)	José Luiz França
*	<p>A Mais Bela Rosa aos Pés do Senhor</p> 	<p>Incorporada na alma imortal da Rosa Mística do Brasil, outras rosas brotarão no asfalto da Avenida. Uma delas, a mais bela, louva aos deuses em forma de samba. E, assim, também se torna divindade ao ofertar a arte do seu bailado ao sagrado, em direta conexão com a ancestralidade.</p>	Musa IV	Belinha Delfim

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	O Brasil de Muitas Rosas 	<p>Lideranças femininas pretas em diversos segmentos prestam um tributo à Rosa em seu cortejo de elevação a santa. No raiar de um novo dia, desfilam mulheres guerreiras que, assim como a courana, lutam com afinco pela afirmação do seu legado e pela equidade em um país ainda profundamente marcado pelo racismo e pela desigualdade. É a glória da pretitude vitoriosa, que no carnaval ganha a devida repercussão no jacutá maior em que todas as almas e todos os corpos celebram a comunhão com os ancestrais e apontam novas diretrizes para o futuro, que é preto, feminino e místico. Assim como Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz.</p>	Grupo III	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Corrêa, nº 60 - Barracão nº 01 - Gamboa - Rio de Janeiro - Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Alessandra Reis	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Simone	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis
Adrecista Chefe de Equipe Biano Ferraro, Wladmir Viana, Marcos Sales, Wal Machado, Nicolas Gonçalves, Alexandre Guru, Ranny Nascimento, Lucca Soriano, Gilmar, Rogério Sampaio e Sonia Santos	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José e Deivison
Outros Profissionais e Respectivas Funções Roberto Monteiro - Figurista Nícolas Gonçalves - Assistente de Carnavalesco Júnior e Alexandre - Arame Paula e Anderson - Espuma Vitor Negromonte - Vime Leandro Art - Pintura Aline Rainha - Almojarifado	
Outras informações julgadas necessárias *As imagens nas fichas são originais e servem apenas como referência.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Cláudio Mattos, Dan Passos, Marco Moreno, Victor Rangel, Lucas Neves, Deco, Thiago Meiners, Valtinho Botafogo, Luiz Anderson, Jefferson Oliveira e Marcelo Bertolo		
Presidente da Ala dos Compositores		
Paulo César Portugal		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Maria Preta (73 anos)	Dan Passos (29 anos)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Rosa Maria, menina flor Rainha do espelho mar Na pele do tambor Pranto das dores que resistiu Deságua no imenso Brasil Sua luz incorporou:</p> <p>Distante me encontro das origens Caminho onde o corpo foi prisão Ouro que deixou as cicatrizes Esperança foi vertigem A alma, libertação</p> <p>É vento na saia da preta courá Na ginga do Acotundá... É ventania Sete vozes guiaram minhas visões Mistério, alucinações, feitiçaria</p> <p>Me entrego a escrever a predição Lágrima nas contas do rosário Dádiva ao clamor do coração Palavras de um preto relicário A voz que cobre o Cruzeiro Reluz sobre nós no fim do calvário Navega esperança à luz do Encantado Reflete o azul Senti a alma daqueles, os mais oprimidos</p> <p>Venci heresia na fé dos divinos A mais bela rosa aos pés do Senhor Candombes e batuques no cortejo Eu sou a santa que o povo aclamou</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto
O amor em cada olhar dos filhos meus
No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto
Sou Rosa Maria, imagem de Deus**

**Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto
O amor em cada olhar dos filhos meus
No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto
Imagem de Deus sou eu**

Defesa da Letra do Samba-Enredo:

*Rosa Maria, menina flor / Rainha do espelho mar / Na pele do tambor /
Pranto das dores que resistiu / Deságua no imenso Brasil / Sua luz incorporou:*

Rosa Maria Egipcíaca de Vera Cruz, menina flor, rainha do espelho ondulante das águas do mar, atravessou um oceano - que separa passado e futuro - rumo ao Brasil. Na pele do tambor, a representação da ancestralidade e da procedência africana da menina courana.

O pranto é resultado das dores às quais Rosa Egipcíaca resistiu pela travessia vertiginosa que a trouxe a uma nova terra. Em meio ao turbilhão de sentidos, a menina viu o reflexo de uma mulher misteriosa. As lágrimas oriundas da dor e da emoção com as revelações às quais se defrontou desaguararam em terras continentais, o imenso Brasil, onde sua própria luz incorpora. Rosa, em transe, passa a contar sua história desse ponto em diante, já que suas recordações foram perdidas. O narrador entrega a epopeia para o relato próprio da personagem que a viveu:

*Distante me encontro das origens / Caminho onde o corpo foi prisão /
Ouro que deixou as cicatrizes / Esperança foi vertigem / A alma, libertação*

A partir desses versos, a história é contada em primeira pessoa. É desse ponto que Rosa expõe sua trajetória e transcreve seus delírios. A menina courana está distante de suas origens, com a tentativa de apagamento de suas memórias. Em sua peregrinação pela nova terra, seu corpo a aprisiona em dores e sofrimento, em meio a visões de paraísos e infernos. A sociedade aduldora de metais preciosos submete seres humanos a condições deploráveis. O ouro que acumula pelo desgaste de seu corpo deixa cicatrizes. A esperança era uma vertigem, um devaneio. Frente à agonia da carne, a alma é sua libertação.

*É vento na saia da preta courá / Na ginga do Acotundá... / É ventania /
Sete vozes guiaram minhas visões / Mistério, alucinações, feitiçaria*

A ancestralidade de Rosa é resgatada nos batuques e na dança de matriz africana. Há magia entre as almas e os corpos. A ventania ruidosa que balança a saia também traz visões e possessões. Sete vozes atormentam Rosa Egipcíaca, tal qual Maria Madalena. Mistério, alucinações e feitiçaria são elementos constantes do êxtase espiritual de Rosa.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*Me entrego a escrever a predição / Lágrima nas contas do rosário /
Dádiva ao clamor do coração / Palavras de um relicário*

Rosa se entrega a escrever sua profecia. Emocionada, derrama lágrimas nas contas do rosário e espalha a dádiva de Deus ao clamor do coração. O livro é um relicário, que guarda as relíquias que são as palavras ali transcritas.

*A voz que cobre o Cruzeiro / Reluz sobre nós no fim do calvário /
Navega esperança à luz do Encantado / Reflete o azul*

A voz divina cobre o céu e, portanto, as estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul, aquela que orienta os navegantes em alto mar. A voz de Deus reluz sobre seus filhos no fim do calvário, ao encerrar da tormenta, do dilúvio. A voz celestial, seguindo as rotas guiadas pelas estrelas do Cruzeiro, navega esperança sob a luz de Dom Sebastião, o Rei dos Encantados, refletindo o azul do céu e do mar. Na delusão sinestésica de Rosa, os sons podem ser vistos, as cores sentidas, as imagens escutadas.

*Senti a alma daqueles, os mais oprimidos / Venci heresia na fé dos divinos /
A mais bela rosa aos pés do Senhor / Candombes e batuques no cortejo /
Eu sou a santa que o povo aclamou*

Rosa Egipcíaca sentiu as almas dos mais oprimidos, inundadas de esperança pelo seu enlace com Dom Sebastião. A heresia foi vencida pela fé, ao rastro de salvação dos eleitos no triunfante evento do fim dos tempos. Rosa estava liberta para tornar-se a Santa que viu refletida no espelho das águas a mais bela rosa aos pés do Senhor. A Santa que o povo aclamou, ao som de candombes e batuques aos quais se uniram Guardas da Santa Coroa empunhando fitas e bandeiras num grande cortejo.

*Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto / O amor em cada olhar dos filhos
meus / No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto /
Sou Rosa Maria, imagem de Deus (Imagem de Deus, sou eu)*

Em devoção, Rosa se declara flor no altar do Divino. Sua fé se traduz em cada um de seus gestos. O amor é percebido no olhar de cada um de seus filhos, aqueles que a louvam, Santíssima africana. O samba da Unidos do Viradouro é um manifesto espiritual e de libertação de mazelas, preconceitos e opressões. Em mais uma licença poética, Rosa profetiza suas palavras e a sua saga sendo entoada no cantar da Viradouro, quase três séculos no futuro, e se declara imagem e semelhança de Deus.

A letra, encerrada pela protagonista em primeira pessoa, entrega de volta a história ao narrador literário na cabeça do samba:

- “Imagem de Deus, sou eu”, diz a agora Santa (último verso do refrão).
- “Rosa Maria, menina flor”, retoma o narrador em resposta (primeiro verso da cabeça).

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa da Melodia do Samba-Enredo:

A melodia da primeira estrofe [*“Rosa Maria, menina flor”*(...) até *“A alma, libertação”*], em tom menor (*Fm*), denota o tormento envolvido na saga. Em seus primeiros seis versos [*“Rosa Maria, menina flor”*(...) até *“Sua luz incorporou:”*], a obra é narrada em terceira pessoa, como em narrativa literária, e acompanhada por desenhos melódicos que transitam pela dor, mantendo, contudo, o distanciamento relativo ao narrador, exterior ao sofrimento retratado. A melodia nesse trecho sustenta o equilíbrio entre contar a tristeza envolvida na saga e o entusiasmo em narrar a história.

Os cinco versos finais da primeira estrofe [*“Distante me encontro das origens”*(...) até *“A alma, libertação”*], já narrados em primeira pessoa, remetem aos momentos de martírio da chegada de Rosa ao Brasil, o que explica ser o trecho com as notas mais graves dentro o conjunto da obra. Os desenhos musicais apresentam aspecto sombrio e enigmático, de forma a retratar um momento de maior resignação, que será vencido na continuidade da obra pelos versos que remetem à dança, à fé e à consagração.

No refrão de meio [*“É vento na saia da preta courá”*(...) até *“Mistério, alucinações, feitiçaria”*], os desenhos melódicos desvanecem a dor da primeira estrofe e dão lugar a variações de melodia que remetem à africanidade, à dança, ao ritmo, em favor dos elementos de percussão, do batuque e da ginga dos corpos. É apresentado um swing ritmado que oferece africanidade ao balanço melódico. A melodia prossegue a ditar o clima da história em complemento à poesia.

Ao longo dos versos [*“Me entrego a escrever a predição”*(...) até *“Palavras de um preto relicário”*] que abrem a segunda grande estrofe do samba sentimos a sutileza breve do tom maior (*F*). A melodia é retomada com uma doce e eufônica caída pós-refrão e desenhos musicais bem sonantes, que transmitem a candura desses versos. Letra e melodia caminham pela leveza, pela religiosidade, e preparam a imersão em uma das partes mais belas da obra.

A partir do verso *“A voz que cobre o Cruzeiro”*, a melodia cresce em intensidade e transita ao tom menor (*Dm*), de forma a expressar o clamor e a comoção inerentes à letra. As notas são mais altas, os desenhos musicais propiciam a abertura do canto, favorecendo todo o conjunto harmônico da escola. Letra, melodia e gestual em pleno êxtase e entrosamento.

A escalada da melodia se mantém no decorrer da segunda grande estrofe da obra até o refrão principal, contudo com um toque de brandura ao verso *“A mais bela rosa aos pés do Senhor”*. A escola declama cada verso melódico, as bases harmônicas fazem nuances de preparação para o encerramento, cuja conclusão é um "breque" marcante. Os últimos versos remetem ao cortejo e à aclamação, com potência arrebatadora de um verso que encerra a estrofe e precede o refrão: *“EU SOU A SANTA QUE O POVO ACLAMOU”*.

A melodia do refrão [*“Eis a flor do seu altar”*(...) até *“Imagem de Deus, sou eu”*] prossegue a sustentar a veemência dos versos que lhe antecedem, com notas altas, clamor das vozes e musicalidade apoteótica. Um dos pontos de destaque é a modulação do tom na transição do refrão principal para a cabeça do samba [*“Imagem de Deus sou eu / Rosa Maria, menina flor”*]. A melodia passa de *Dm* para *Fm* de forma a acompanhar a mudança referente à narrativa da letra, que encerra na primeira pessoa e retorna na cabeça do samba para a terceira pessoa, o que reforça os elementos dramáticos que edificam a história, toda essa passagem em tom menor.

A melodia do samba da Unidos do Viradouro para o carnaval 2023 conversa perfeitamente com o enredo da agremiação e a letra da obra. Os desenhos musicais passeiam pela dramaticidade, pela riqueza poética e até mesmo pela mudança do sujeito que narra a história. A melodia acompanha o decurso da letra na íntegra, deixando evidente ao ouvinte as emoções que estão expressas na exposição da história.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Ciça				
Outros Diretores de Bateria Monique, Ulisses, Marquinho, Gabriel, Romildo, Ruan Pontes, Herinho, Mauro, Pierre, Juan Rangel, Maycon e Maurício				
Total de Componentes da Bateria 275 (duzentos e setenta e cinco) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 13	2ª Marcação 13	3ª Marcação 15	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 120	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 24
Prato -	Agogô -	Cuíca 24	Pandeiro -	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
<ul style="list-style-type: none"> • Agogô de duas bocas – 02 • Timbales – 04 				
<u>Bateria</u>				
Nome da Fantasia: Padre Francisco Gonçalves Lopes: “Xota Diabos”				
<p>O que representa: A bateria Furacão Vermelho e Branco de Mestre Ciça representará o padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”, personagem significativo na trama do enredo. O apelido é uma corruptela de “Enxota Diabos”, expressão que remete aos rituais de exorcismo que comandava. Protetor ou explorador da imagem de Rosa? O fato é que “Xota-Diabos” acompanhou a trajetória da courana ao longo de grande parte da sua vida, sendo seu devoto e confessor, contribuindo para vincular uma aura mística à imagem da negra. Comprou a alforria de Rosa Maria Egipcíaca, propagando a santidade de sua protegida. Mestre Ciça virá paramentado de tutor espiritual de Rosa.</p>				
<u>Rainha da Bateria:</u> Erika Januza				
Nome da Fantasia: Afecto				
<p>O que representa: Em seu segundo ano reinando a frente da bateria Furacão Vermelho e Branco, a atriz incorpora “Afecto”, nome dado ao espírito cujo as vozes das almas que perturbavam a courana em visões e êxtases. Assim, representará Rosa em suas constantes manifestações espirituais.</p>				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Mestre Ciça: Tendo a ousadia como uma de suas principais marcas, Ciça é um dos mais técnicos e também dos mais respeitados mestres de bateria de todos os tempos. E o sucesso que faz não é à toa: ele possui uma marca única, de estar há 33 carnavais ininterruptos no comando de uma bateria.

1988 – 1997: Estácio de Sá

1998 – Unidos da Tijuca

1999 – 2009: Unidos do Viradouro

2010 – 2014: Grande Rio

2015 – 2018: União da Ilha do Governador

2019 – 2022: Unidos do Viradouro

A história que construiu fez de Ciça um dos personagens mais aguardados da Sapucaí. Os olhares - e ouvidos - ficam todos mais atentos quando o mestre cruza a pista de desfiles, palco que transforma os maiores sonhos e fantasias em realidade. E ele mesmo adora essa expectativa em torno de seu trabalho. E, como um mantra, costuma repetir em seus incontáveis ensaios para suas centenas de ritmistas: “Se for para fazer feijão com arroz, fico em casa!”.

Muitos foram os momentos eternizados na história do Carnaval e que marcaram a carreira dessa "lenda" do samba. Para citar alguns, em 1992 o trabalho de Ciça brilhou significativamente o desfile campeão da Estácio de Sá, com o enredo "Paulicéia Desvairada". Desde que chegou à Viradouro, em 1999, Ciça fez sempre marcantes passagens na Avenida com a escola, como no carnaval de estreia, em "Anita Garibaldi - Heroína das sete magias"; na homenagem à dama do teatro Bibi Ferreira (2003); e em 2007, com "A Viradouro vira o jogo", quando cumpriu com maestria o desafio de desfilar com seus percussionistas no alto de um carro alegórico.

Ciça voltou à Viradouro para o Carnaval de 2019, contribuindo para o vice-campeonato ao marcar os 30 pontos no quesito. E, já no ano seguinte, alcançou todas as notas máximas no desfile que cantou as Ganhadeiras de Itapuã, ajudando a Viradouro na conquista do belo título do Grupo Especial. Em 2022, a "Furacão Vermelho e Branco" chegou mais uma vez com suas convenções criativas, trazendo pratos e mudança de ritmo, tudo elaborado de forma a surpreender a Avenida.

Tais resultados são consequência de muita técnica, aplicada em incontáveis treinos, e de muita criatividade. Ao longo da bem-sucedida carreira, Mestre Ciça acumulou muitos prêmios, entre eles um Estandarte de Ouro (honraria concedida aos melhores da festa pelo Jornal O Globo), recebido após o desfile da União da Ilha, em 2017.

Com um efetivo de 275 ritmistas, distribuídos conforme quadro acima, essa orquestra de sons percussivos está afinadíssima para seguir encantando a Passarela do Samba. Serão apresentadas por Ciça até quatro bossas, todas fiéis às características do mestre, da escola, e ainda buscando sempre um alto nível técnico musical, proporcionando ao público um grande espetáculo. Como canta nosso Zé Paulo Sierra, "Vai, Ciçaaaaaaaaaa!".

FICHA TÉCNICA**Bateria****Outras informações julgadas necessárias**

Para 2023, a bateria da Unidos do Viradouro irá respeitar o sentimento e a densidade musical do samba. Com foco no apuro rítmico, a Furacão Vermelho e Branco propõe adequações musicais na cadência e no andamento, que este ano se apresentará de forma a proporcionar maior conforto ao canto coletivo da escola.

A limpeza dos naipes é outra característica a ser destacada. Chamamos atenção para a precisão na definição do toque do naipe de caixas e o desenho de tamborins, marcado pela fluidez e encaixe dentro na melodia, especialmente na segunda do samba.

Na busca pela excelência musical, tomamos o cuidado de enviar a partitura de quatro bossas que a bateria poderá executar ao longo do desfile (à guisa de referência).

1-

The image shows a musical score for the piece "Bossa da Cabeça do samba" by Viradouro 2023. The score is presented in two systems, each with two columns of staves. The instruments listed are Chocalho, Tamborim, Bateria (Bateria), Caixa, Surdo 1, Surdo 2, and Surdo 3. The score includes rhythmic notation, dynamics, and specific instructions for the instruments.

A bossa da cabeça do samba possui três momentos. No primeiro, divisões simples com muito impacto e com dinâmica ocasionada pelas marcações, dando ao ataque dos instrumentos leves um volume maior. Na segunda parte, temos a condução de uma conjuntura afro, sendo suas anuências destacadas pela execução dos naipes de tamborim e das marcações. No terceiro e último momento, temos um fechamento para a “chamada” propositalmente de forma leve com o carreteiro dos tamborins e dos chocalhos, e em seguida a retomada rítmica normal do samba.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

2-

Bossa Refrão do Meio

Para o refrão do meio iniciamos uma convenção com a preparação junto à divisão melódica do samba na parte “*É vento...*”, momento em que os timbales brilham com suas batucadas, mais uma referência à nossa ancestralidade dentro da proposta da escola. Nos dois “ataques” rítmicos, temos no primeiro momento uma execução de um samba de roda e num mesmo lugar no *bis* uma interessante alternância entre os surdos e tamborins e chocalhos. O fechamento dessa bossa é comum para que a transição para a segunda do samba não sofra uma quebra da fluidez melódica.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

3-

Break e Retomada
Final do Samba - Refrão Principal
Unidos do Viradouro 2023

CANDOMBES E BATAQUES NO CORTEJO EU SOU A SANTA QUE O POVO ACLAMOU!

2

3

4

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

3-

The image shows a musical score for a drum set (Bateria) for measures 39 to 5. The score is arranged in a vertical format with the following parts from top to bottom: CHOCALHO, TAMBORIM, REPRIQUE, CAIXA, SURDO 1, SURDO 2, and SURDO 3. The notation includes rhythmic patterns with notes and rests, and the drum parts are indicated by 'D' and 'E' characters. The score is marked with a '39' at the beginning and a '5' at the end.

“*Eu sou a santa que o povo aclamou*”: trecho no qual fazemos uma “parada” com uma preparação de saída rítmica bem simples para exaltar a força da do canto da escola. Na retomada, há um ataque com intenção de “explosão” das marcações para mantermos a boa batucada dos instrumentos leves da bateria junto à marcação do surdo de terceira. No *bis* do refrão principal, temos a volta das primeiras e das segundas deixando toda a bateria em sua execução integral da harmonia dos instrumentos.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

4-

Bossa Refrão Principal

CHOCALHO

TAMBORIM

REPIQUE

CAIXA

SURDO 1

SURDO 2

SURDO 3

TIMBAL

TOQUE DE CABULA (T. LIXA)

Imagem de Deus

Eis a flor do seu altar

TOQUE DE LIXA

CHOCALHO

TAMBORIM

REPIQUE

CAIXA

SURDO 1

SURDO 2

SURDO 3

TIMBAL

Eis a flor do seu altar

CHOCALHO

TAMBORIM

REPIQUE

CAIXA

SURDO 1

SURDO 2

SURDO 3

TIMBAL

Em outra convenção localizada no refrão principal do samba, temos o toque solo do naipe do timbal com a execução da “cabula”, em que ocorre a alteração para o ijexá junto à entrada dos tamborins. Eles preparam uma chamada para o ataque dos outros naipes com a sustentação do ritmo das caixas, repiques, chocalhos e cuícas, com toques precisos das marcações encorpando todo a proposta do arranjo.

*As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Jefferson Coutinho e Marcos Mendes

Outros Diretores de Harmonia

Igor Modesto, Michell Bvermil, Carolina Ribeiro, Rennan Laurente, César Lima, Walner Santos, Paulinho Lins, Nélio Azevedo, Gilberto Gonzales, Jardel Marques, Romeu Lima, Thiago Viana, Julio Cesar, Daniele Assad, Gabriel Sequeira, Wendell Eleuthério, Rui Mendes, Leonardo Moraes, Karla Mendonça, Victor Souza e Marcelo Tibil, Laerte Tinoco e Rosiane Brito

Total de Componentes da Direção de Harmonia

70 (setenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

José Paulo Sierra

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Hugo Bruno (Cavaco Afinação Bandolim), Roberto Migans (Cavaco) e Rodrigo Araújo (Violão 7 Cordas)

Outras informações julgadas necessárias

Jefferson Coutinho: cria da Viradouro, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia no ano de 2008, tendo sido convidado pelo então Diretor Geral Guilherme Nobrega após alguns anos desfilando e se destacando na ala de comunidade.

Em 2017, após a chegada de uma nova Direção de Carnaval, sob comando de Alex Fab e Dudu Falcão, foi galgando seu espaço, e através do seu trabalho e comprometimento, desempenhou diversas demandas técnicas nos desfiles, com destaque na função de chefe de setor e volante. Até que no último carnaval, recebeu o convite para assinar a Direção Geral de Harmonia juntamente com Marcos Mendes, aproximadamente a 40 dias do desfile oficial.

Em 2023, assinará um trabalho completo e implantando todo o processo na intenção de alcançar as notas máximas nos quesitos.

Marcos Mendes: nascido e criado em Madureira, desde criança frequentando a quadra da GRES Portela, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia em 2006 através de Júnior Escafura e no decorrer dos anos galgando espaço com o trabalho e comprometido pelo segmento, recebeu mais responsabilidades como Chefe de Setor, volante e se responsabilizando com o andamento de toda escola.

Em 2013 a convite da direção de Carnaval da Caprichosos de Pilares, assumiu a Direção Geral de Harmonia da escola ficando no cargo até 2015, onde também desempenhava paralelamente função de Harmonia na GRES Portela, onde em 2017, sagrou-se campeão do Grupo Especial executando a função de puxar a Escola e manter o melhor andamento.

Em 2018, a direção de carnaval da Viradouro fez o convite para integrar o time de harmonia da agremiação, onde permanece até a presente data.

Em 2022, faltando 40 dias para o desfile oficial, foi concedida a oportunidade de assumir a Direção Geral de Harmonia juntamente com Jefferson Coutinho onde, diante do bom trabalho, foram convidados a permanecer a frente do trabalho para 2023.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Do Trabalho da Harmonia:

Pautado no comprometimento, responsabilidade, ética e educação, o trabalho técnico da Direção de Harmonia atua na delegação de funções, através de uma Coordenação, dividida em: 2 “volantes”, (Igor Modesto e Michell Bvermil), 10 Chefes de setor, (Carolina Ribeiro, Rennan Laurente, Cesar Lima, Walner Santos, Paulinho Lins, Nelio Azevedo, Gilberto Gonzales, Jardel Marques, Romeu Lima e Thiago Viana), 01 Harmonia de Bateria (Julio César Cajú) e 02 Harmonias fazendo a entrada da escola “joelho” (Gabriel Sequeira e Wendel Eleuthério), cada qual cobrindo área determinada, todas sob supervisão atenta da Direção Geral, o que garante toda cobertura e eficiência na gestão do desfile.

Sob o mantra de fazer do componente o verdadeiro dono da festa, a Direção de Harmonia através de todo seu escopo, busca deixá-los mais cômodos, para que desfilem cantando e evoluindo com garra, alegria e amor por sua Escola do coração.

Da Harmonia do Carro de Som:

Acreditando no entrosamento e na continuidade, a base do carro de som da Unidos do Viradouro, formada há quatro carnavais, é composta por seis cantores de apoio e três músicos.

A escola vem ano após ano investindo na qualificação dos seus cantores e músicos, não medindo esforços para obter os melhores resultados na Avenida. A Viradouro, entendendo e acatando a correta e crescente exigência musical que o espetáculo merece, vem fazendo trabalhos técnicos em estúdios e ensaios específicos buscando a excelência na performance musical e harmônica, sob o comando do diretor musical Hugo Bruno.

A voz principal da escola, há dez anos, é de Zé Paulo Sierra, dono de um timbre único. Interpreta o samba com profundidade e emoção. Outros pontos de destaque do cantor são a clara dicção e a afinação.

Zé Paulo busca imprimir junto aos seus apoios e à bateria do mestre Ciça um ritmo que permite à escola ter um desempenho de qualidade em evolução e harmonia.

Os cacos (inclusive o já marcante “Vai, Ciça”) e possíveis contracantos serão pontuais e utilizados de maneira agregadora, sem poluir ou comprometer o canto, e, sobretudo, a letra do samba.

A execução da obra tem como prioridade a clareza e uniformidade entre canto, harmonia musical e bateria. O carro de som, junto ao intérprete oficial, tem a missão de conduzir a sustentação do canto da escola, manter afinação, com padronização das vozes e do conjunto harmônico.

Observação: O cantor oficial fará a condução limpa e audível, dando, em certos momentos, toques na interpretação da melodia (emoção e dramatização). O conjunto harmônico formará a base sustentável do andamento e em alguns trechos perceberemos as nuances entre cavacos (DGBD), (GDAE) e violão de 7 cordas.

A título de exemplo, destacamos o trecho do refrão principal para a cabeça do samba: o violão de 7 cordas faz uma frase com o cavaco (DGBD) para entrega da modulação de tom, de *Dm (Ré Menor)* para *Fm (Fá Menor)*, dando ênfase à linda melodia que seguirá após o refrão “*Imagem de Deus sou eu... Rosa Maria, menina flor...*”.

Outro ponto a se destacar é o refrão de meio, que tem um balanço melódico específico. Aqui, o cavaquinho (DGBD) e violão de 7 cordas harmonizam dentro da própria melodia do samba, o que enriquece ainda mais o momento com acordes naturais: “*É vento na saia da preta courá, na ginga do Acotundá... É ventania*”.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Zé Paulo Sierra (Intérprete oficial) - 46 anos, cantor e compositor oriundo do bairro da Abolição, reduto de grandes sambistas. Incentivado pelo pai (Pepe), começou a cantar e a compor nos blocos do bairro (Tramela, Chupeta da Abolição e Difícil É o Nome) em 1987. E foi na Difícil É o Nome, em 1989, a primeira experiência de Zé Paulo Sierra como compositor vencedor e intérprete oficial. Em 1990, ingressou na Aprendizizes do Salgueiro, onde ficou por dois anos. Em 1992, participou do concurso de intérpretes da Caprichoso de Pilares e chegou à semifinal. Mesmo não sendo vencedor no concurso, foi convidado pelo presidente Fernando Leandro pra integrar o carro de som da escola para o carnaval de 1993. Foi a primeira experiência no Grupo Especial. Na escola de Pilares, teve uma relação duradoura, com apenas uma pausa em 1997, quando se tornou o cantor oficial mais novo no grupo de acesso pela Unidos da Ponte. Em 1998, retornou a Caprichosos, onde ficou até 2006. Nesse ano, tornou-se cantor oficial do Arranco do Engenho de Dentro. Em 2007 e 2008, voltou a cantar como apoio de Luizito na Mangueira. Em 2008 e 2009 assumiu o microfone oficial da Caprichosos. Em 2010, retornou à Mangueira, dessa vez como intérprete oficial, no projeto os 3 Tenores da Mangueira, ficando até 2013. Entre 2011 e 2012, acumulou também a função Diretor Musical da verde e rosa. Em 2013, chegou à Unidos Do Varadouro.

No primeiro carnaval pela escola (2014), Zé Paulo já se tornou campeão na antiga Série A, conquistando diversos prêmios. Em 2023, completará 10 anos de muito amor e dedicação ao samba. Depois de Nequinho da Beija Flor, Zé Paulo Sierra hoje é o cantor do carnaval carioca com mais anos consecutivos em uma só escola. Na Viradouro, Zé Paulo alcançará a marca de outro ícone em 2023: 10 anos ininterruptos na vermelha e branca de Niterói, como fez Dominginhos do Estácio. Então, prepare o seu coração, porque em 2023 teremos muita emoção e amor para cantar a santa que o povo aclamou!

Cantores de apoio:

- **Zé Paulo Miranda (Bola):** Músico, compositor e intérprete. Cantor completo, já atuou como intérprete oficial em várias agremiações, sendo a última Alegria da Zona Sul, em 2020. Na Viradouro, está há três temporadas e em muito contribui na ala cantante da escola, sobretudo por ostentar um timbre diferenciado, poeira na voz que conquista. Cumpre bem seu papel no grave e brilha na hora de variar entre o médio e o agudo. É privilegiado na extensão vocal e compõe muito bem a harmonia.

- **Ronaldo Ylê:** Esse é outro que dispensa apresentações e sabe fazer bom uso da experiência que tem ao colocar sua voz a serviço da Viradouro. Um "cavalo" no desfile, é do tipo incansável, tem disposição e faz leitura de público ímpar, como poucos sabem fazer. Afinado e seguro, passeia com firmeza no médio/agudo o tempo todo, além de ser um intérprete com admirável "astral", um tanto motivador. Figura carimbada nos corais de gravações de compositores e discos oficiais da Liesa, Ylê é intérprete oficial da União do Parque Curicica, além de ter passagem muito marcante na Imperatriz Leopoldinense. Quem não se lembra da voz dele em "...A turma do sítio apronta, a Imperatriz faz de conta..."? Ylê se encaminha para o quarto ano consecutivo com a vermelho e branco.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

- **Celino Dias:** Desde 2018 na Viradouro, é campeoníssimo no carnaval e, somente na escola, ostenta três títulos: 1997/2018/2020. Cantor ímpar, passeia no grave, médio e agudo com facilidade, naturalmente pela larga experiência no ofício de cantar. Conhece os caminhos de uma boa condução, já que atua por muitos anos como intérprete oficial e de apoio. Hoje, é a voz oficial da Tradição, onde já foi destaque no passado cantando Silvio Santos no ano de 2001. Centrado e extremamente profissional, Celino é sinônimo de tranquilidade na hora do desfile, por isso está no elenco da escola há cinco temporadas.

- **Guto:** Músico, compositor e intérprete, e não só de samba de enredo. Compõe uma banda blues em Friburgo, onde mora. O conhecimento vocal e musical do artista passeia por vários estilos, o que abre muitas possibilidades de trabalho, tamanha versatilidade. Além de participação ativa e com destaque nas agremiações friburguenses, Guto alcançou notoriedade no Carnaval carioca. Por dois anos, defendeu a Acadêmicos do Sossego e, atualmente, é a voz oficial da Unidos de Padre Miguel. O agudo imponente e o balanço harmônico no médio e grave, à base de muita técnica, fazem dele uma peça vital para o equilíbrio das vozes. Na Viradouro, faz a diferença há três anos.

- **Marcelle Motta:** A voz "courana" da Viradouro para o carnaval 2023 é de Marcelle. Ela cantará Rosa Maria Egipiciaca e representará a voz da mulher preta no samba. É cantora e compositora, talento revelado nas rodas de samba (Spanta, Balaio Bom, É Preta etc.). Em 2018 foi indicada ao Prêmio da Música Brasileira com a canção; "Pra Matar Preconceito". Presença, timbre marcante e afinação fizeram com que a voz da mulher preta ecoasse ao lado de grandes artistas; (Toninho Gerais, Jorge Aragão, Diogo Nogueira, Alcione, Mariana lins, Xande de Pilares, Reinaldo, Mart'nália, Renato da Rocinha etc). No samba de enredo, chamou atenção na Viradouro defendendo um samba sozinha em 2021, além de fazer parte dos corais em produções concorrentes e oficiais. **Júlio Alves:** Compositor renomado na MPB, com músicas gravadas por artistas como Alcione, e autor de uma infinidade de sambas de enredo campeões, Júlio tem paixão e talento por canto e há dois anos integra o carro de som da Unidos do Viradouro. Dedicado e sempre em busca do conhecimento e aprimoramento em aulas de canto e percepção musical, Júlio Alves surpreende a cada desfile. O timbre médio grave complementa os harmônicos e faz a sustentação necessária do coral, sendo peça importante para a composição do grupo de cantores da escola.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Músicos:

- **Hugo Bruno:** Diretor musical da Unidos do Viradouro. Músico com bastante experiência em diversos projetos, impõe-se como um dos melhores cavaquinistas da Avenida. Dono de uma “paletada” inconfundível, que dá um balanço fora do comum na execução com sua afinação de bandolim (GDAE), esbanja talento quando o assunto é leitura e respeito fiel ao arranjo. Hugo é, hoje, o músico mais requisitado do carnaval e para gravações diversas no mundo do samba, dentre as quais as faixas dos Sambas de Enredo do Grupo Especial do Carnaval carioca, da Série Ouro (Liga RJ) e Super Liga. É da Viradouro há cinco anos.

- **Roberto Migans:** Robertinho, como é conhecido desde os tempos de escola mirim em Niterói, passou a ser um músico de respeito e de referência na cidade. Atualmente, dá aulas particulares no instituto Cigam (Centro Musical). Com pegada firme na “paletada”, faz o cavaco base (afinação base D G B D). Obediente e fiel à leitura do arranjo, tem a função de manter o ritmo durante todo o desfile.

- **Rodrigo Araújo:** Renomado e respeitado no meio da música, além das escolas de samba que passou (Portela, Mocidade e União da Ilha), Rodrigo Araújo já foi violonista de Marquinhos Satan, Wander Pires, Preto Joia, e sempre figura nas principais produções do Maestro Jorge Cardoso. Requisitado para gravações de compositores e para participações no disco oficial da Liesa, nosso violão de 7 cordas se destaca pela leitura fácil do arranjo e baixarias sutis e limpas, que evitam a poluição da letra. Na base, mantém o andamento com muito swing, segurança e qualidade ímpar. Excelente músico, dedicado, estudioso e fiel à leitura do arranjo, completa a harmonia de cordas da Unidos do Viradouro. Como diz a letra do nosso samba: “...Acordes Virão da Viradouro...”

FICHA TÉCNICA

Evolução

<p>Diretor Geral de Evolução Jefferson Coutinho e Marcos Mendes</p>
<p>Outros Diretores de Evolução Igor Modesto, Michell, Carol Ribeiro, Rennan, César Lima, Walner, Paulinho Lins, Nélio, Gilberto, Jardel, Romeu, Thiago Viana, Júlio Cesar, Dani Assad, Gabriel e Wendell.</p>
<p>Total de Componentes da Direção de Evolução 70 (setenta) componentes</p>
<p>Principais Passistas Femininos Hérica Isabel, Jhenifer Menezes e Juliana Dornellas</p>
<p>Principais Passistas Masculinos Pablo Jales, Flávio Smith e Felipe Soares</p>
<p>Outras informações julgadas necessárias</p> <p><u>Do trabalho de Evolução:</u> Encaramos o trabalho de canto e Evolução de forma muito intensa e comprometida, sendo espelho e cobrando afinco dos componentes, para que absorvam a essencial importância do papel de cada um deles no desfile, sendo os principais responsáveis pelo alcance dos objetivos propostos... Rosa Maria Egipcíaca é um enredo pautado na força e determinação de uma mulher, para 2023, a Viradouro desfilará em sua maioria com mulheres divididas em todos os setores. Por terem potência vocal e timbre diferenciado, fazemos ensaios intensos de canto e Evolução, em dias que não são padrões, o que eleva a excelência e uniformidade de cada componente, para que assim fortaleçamos todo coletivo</p> <p><u>Sobre a ala de passistas:</u> Nome da Fantasia: Ala 09- Possessões e Feitiçarias O que representa: Acusada de feitiçaria, Rosa manifestava no próprio corpo as atribuições da alma. Em possessões espirituais, a courana apresentava alucinações que a perseguiram. Os tons entre rosa e lilás representam a divindade e o misticismo, presentes no inconsciente coletivo formado sobre o poder maligno que avança sobre as forças do bem. Para as autoridades religiosas, os espíritos diabólicos desviavam Rosa dos caminhos de Deus, ao mesmo tempo em que pareciam um chamamento para a reafirmação da fé em Cristo.</p> <p><u>Coordenador de Passistas: Valci Pelé</u> Herdeiro da tradição de grandes passistas portelenses, em 2012, sagrou-se vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de melhor Passista masculino. Há três anos à frente da coordenação da Ala de passistas da Viradouro, vem realizando um trabalho de formação e orientação de novos sambistas para a Agremiação. Também é responsável pela direção artística dos shows realizados pela escola em diversos eventos inclusive apresentação do show da final que é dito no meio do carnaval um dos melhores shows de todas as finais.</p>

FICHA TÉCNICA

Evolução

Outras informações julgadas necessárias

Alas e grupos coreografados:

Ala 01: Menina Courá

A coreografia tem movimentos marcados na letra do samba. A intenção é enaltecer a personagem “Rosa criança”. A personagem desfilará no Pede-passagem e, em determinado momento, descerá até a ala e será enalticida e reverenciada como figura representativa desta fase de abertura do desfile.

Ala 04: Procissão dos Degenerados

A cobiça será o centro da intenção coreográfica da ala. Mãos que oram, que pregam, que querem. Uma procissão em que os olhos da cobiça comandam, por vezes, os movimentos e as encenações.

Ala 07: As Filhas de Eva

O trabalho junto às componentes foi construído a partir de desenhos coreográficos que dão movimento à ala e que demonstrem ao mesmo tempo sensualidade e afirmação da condição feminina diante da realidade escravista.

Grupo 01: A Procissão dos Desvalidos

O grupo apresenta forte apelo dramático e cênico. A teatralidade é a marca dos movimentos e encenações. Representa a devoção dos necessitados que recebiam auxílio de Rosa Egípcia, interpretada nessa encenação por Vivi d’Sousa.

Ala 12 – A Beata das Brasas

O grupo apresentará movimentos coreográficos que remetem à fé religiosa católica, à feitiçaria e suas ditas “possessões demoníacas”. Uma criação com a marca da dramaticidade para evocar o misticismo.

Grupo 02: Cortejo Místico de Dom Sebastião e Rosa Maria Egípcia

A coreografia é baseada nos movimentos do minueto e da valsa. No improvável casamento previsto por Rosa entre ela e Dom Sebastião, a dança da corte é pano de fundo para representar o enlace ocorrido sob os domínios da encantaria.

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval Alex Fab e Dudu Falcão		
Diretor Geral de Carnaval -		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Renan		
Total de Componentes da Ala das Crianças 70 (setenta)	Quantidade de Meninas 49 (quarenta e nove)	Quantidade de Meninos 21 (vinte e um)
Responsável pela Ala das Baianas Tia Cléia		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Leda Rosa dos Santos 87 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Cristiane Nunes Lima 34 anos
Responsável pela Velha-Guarda José Luiz França		
Total de Componentes da Velha-Guarda 67 (sessenta e sete)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Ilza Moura 93 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Márcia da Conceição 54 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Lorena Improta (Apresentadora), Luiz Mott (Escritor), Duda Almeida (Modelo), Luana Génot (Ativista), Erika Januza (Rainha de Bateria – Atriz). No grupo de convidadas, virão ilustres mulheres negras em diversas áreas de atuação, dentre elas: Bianca Monteiro (Rainha de Bateria da Portela), Tânia Bisteka (Passista e Diretora de Barracão da Estação Primeira de Mangueira), Carmem Luz (Fundadora da Companhia Étnica de Dança), Clátia Vieira (Organizadora da Marcha para Mulheres Negras), Dandara Oliveira (Musa do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel), Dandara Ventapane (Porta-Bandeira do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti), Helena Theodoro (Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Kenia Maria (Atriz), Luana Xavier (Atriz), Luiza Brasil (Influencer), Mariana Sena (Atriz), Patrícia Costa (Atriz e Rainha de Bateria do primeiro título da Unidos do Viradouro), Quitéria Chagas (Rainha do G.R.E.S. Império Serrano), Salete Lisboa (Jornalista), Squel Jorgea (Porta-Bandeira), Taciana Couto (Porta-Bandeira do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio), Tia Glorinha (Diretora da Ala de Baianas do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro), Wic Tavares (Intérprete do G.R.E.S. Unidos da Tijuca).		
Outras informações julgadas necessárias		
Do trabalho de Direção de Carnaval: Direção de Carnaval ao longo de toda formação do projeto, buscou equilíbrio entre as plataformas técnicas, artísticas e administrativas. Acreditando nessa ferramenta como instrumento para um bom desempenho		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Alex Fab – Filho de um baluarte da Portela e criado entre os maiores bambas de Oswaldo Cruz e Madureira, não seria surpresa que aquele jovem iria mais cedo ou mais tarde se dedicar ao ofício do carnaval, e assim ocorreu. Começando em 1982, na ala das crianças, passando por alguns Segmentos, até chegar à harmonia em 2002. Quatro anos depois já assumiria o cargo de gestão de harmonia implantando sua forma de organização, oriunda das bases de formação acadêmica e militar. Em 2008, assumiu a direção de carnaval da Portela, naquele ano, a escola voltava a figurar entre as campeãs do carnaval, fato que ocorreu por 04 anos consecutivos, permanece na escola até 2013, após as passagens por Caprichosos de Pilares e Imperatriz Leopodinense, Alex chega no final de 2016 a vermelho e branco de Niterói num momento crítico da escola, mas com muito equilíbrio e dedicação participa da equipe que levaria a escola ao vice campeonato de 2017 e ao tão projetado campeonato de 2018 que gabaritou a Viradouro a disputar o grupo especial de 2019 onde sagrou-se vice-campeã do mesmo ano. Em 2020 o criterioso trabalho foi premiado com o título do carnaval onde o empenho da direção de carnaval junto a presidência e segmentos, fez a escola ser considerada como uma das mais organizadas do Rio de Janeiro. Em 2022 mantendo a qualidade do trabalho, ajudou a escola em mais um bom resultado alcançando, o terceiro lugar.

Tem implementado ferramentas de logística e gestão na rotina do barracão, fato que elevou o nível de produção e conceitua o carnaval a patamares do universo corporativo, com reiterados convites de participação em palestras e seminários, para exemplificar o modelo de gestão proposto pela agremiação.

Destaca-se com o prêmio Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval dos últimos três anos consecutivos no Grupo Especial.

Dudu Falcão – Iniciou sua carreira no carnaval em 2009 como diretor de ala na Portela e Renascer, poucos anos depois, ao mesmo tempo em que ganhava espaço na azul e branco de Madureira passou a assinar a direção de harmonia da Caprichosos de Pilares. Após passagens expressivas por Mangueira e Imperatriz passou a assinar juntamente com seu irmão Alex Fab a direção de carnaval da Viradouro, onde juntos reverteram um quadro ruim da escola para um vice-campeonato do Acesso A em 2017, seguindo para o título de 2018 do mesmo grupo e chegando no Especial o projeto de direção de carnaval contribuiu com o vice-campeonato de 2019 para escola de Niterói. Em 2020 a coroação do trabalho feito em parceria com Alex Fab veio através do título do grupo especial, destacando como diretriz a boa organização da escola campeã. No último carnaval o bom trabalho ajudou a escola de Niterói a voltar no Sábado das Campeãs na terceira posição. Citamos entre alguns prêmios, o Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval do ano de 2019 à 2022, prêmio este também já recebido no acesso A e B de anos anteriores.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 01 (um)	Componentes Masculinos 14 (quatorze)
Outras informações julgadas necessárias		
Nome da Comissão de Frente: Eis a Flor do Seu Altar		
<p>O espinho e a rosa. A aridez do efêmero e a consagração eterna. O bailado da abertura do desfile é um ritual em louvor à preta courá, interpretada pela bailarina Laís Ribeiro. Marca a passagem por diversas fases da personagem central do enredo, restaurando o espírito místico da santa africana. É o trânsito entre o etéreo e o terreno que se manifesta diante do sagrado mistério da vida. Saga que tem o movimento das águas atlânticas como ponto de partida, por meio das referências presentes na indumentária dos bailarinos. O elemento água é o condutor da energia mística que envolve o princípio dos devaneios da courana, que a reconecta com o passado ancestral no golfo do Benim. As memórias que ela traz no corpo e no espírito são evocadas na dança e na atmosfera ritualística formada pelo grupo. É saia, é sopro, é ventania! Alucinações ocupam a mente inquieta de Rosa e se expressam em movimentos dramáticos, no limite entre a perturbação e o encanto. Assim, Rosa transborda a própria sina e se torna dileta serva do Divino. Eterniza a fé em páginas devotas. Recria o próprio caminho para se afirmar como inspiração para toda mulher que vence os espinhos dos martírios e desabrocha no esplendor da glória. Rosa é acalanto. É pensamento e devoção. É terreiro e altar. É a flor que renasce em muitas, e as muitas que a fazem brotar. Eis a mais bela Rosa diante da maior consagração como a Santa de uma nação que pouco a conheceu... (mas que nunca dela esqueceu).</p> <p>Obs: Ao longo da apresentação haverá troca de elenco. Os 14 homens iniciais saem da cena, dando lugar a 12 componentes femininas.</p>		
		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Priscilla Mota e Rodrigo Negri: Bailarinos e coreógrafos cariocas. Primeiros solistas do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, são também os coreógrafos mais premiados do carnaval carioca. Com passagens pela Unidos da Tijuca, Grande Rio e Mangueira, hoje assinam a comissão de frente da Unidos do Viradouro.

Em 14 anos de carnaval, já ganharam 4 campeonatos, mais de 60 prêmios e muitas notas 10.

Entre algumas honrarias concedidas ao casal, estão 3 Estandartes de Ouro, Prêmio O Globo de melhor Comissão de Frente da História do Carnaval, onde bailarinas trocavam de roupa em segundos pela Unidos da Tijuca em 2010 e a Medalha do Mérito Artístico pelo Conseil International de La Danse - UNESCO.

Juntos são diretores criativos da Art+ Entretenimento, empresa que transita entre espetáculos de dança, teatro musical, shows e eventos corporativos.

Criaram performances e ativações para Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos 2016, Expo Dubai 2020, além de experiências para Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop, DöTerra, entre outros.

Para Rede Globo, criaram coreografias para o Big Brother Brasil, The Voice Kids, Caldeirão do Huck e Globo 50 anos.

Fizeram show especial para família Obama em visita ao Brasil e coreografaram o show de Ivete Sangalo para o Rock in Rio 2017.

Em 2019, a Art+ recebeu a comenda de empreendedorismo artístico pelos Embaixadores do Rio de Janeiro.

No ano de 2022 foram os coreógrafos do Show em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil e da reinauguração do Museu do Ipiranga em São Paulo, onde também participaram na construção do roteiro do espetáculo.

Equipe:

Figurinos - Tarcísio Zanon

Confecção de Figurinos - Ateliê Avant Premiere

Cenografia - Tuca Mariana

Produção - KBMK Empreendimentos Culturais

Preparação Teatral - Tauã Delmiro

Maquiagem - Christina Gall

Assistente de Coreografia - Bárbara Mesquita

Consultoria técnica - Luca Moriconi

Tuca Mariana -Arquiteta e urbanista, trabalhou na área de restauro do patrimônio histórico por oito anos, com passagem em instituições como o Museu Nacional de Belas Artes e a Casa Rui Barbosa. Desde 2014 se dedica a trabalhos de arte para o teatro, cinema e tv (onde foi adrecista para a novela "Meu Pedacinho de Chão"). No teatro, assinou cenografias de espetáculos de diretores como Pedro Brício e Isabel Cavalcanti. Foi indicada ao prêmio CBTIJ de teatro como adrecista em 2015 e 2018; fez diversas assistências e adereços tanto no teatro quanto no audiovisual trabalhando com cenógrafas consagradas como: Aurora dos Campos, Dina Salem Levy, André Cortez e Bia Lessa. Em 2022 foi a cenógrafa responsável pela comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira que foi consagrada com diversos prêmios incluindo o Estandarte de Ouro.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Tenara Gabriela e Luiz Kerche – Produtores da KBMK Empreendimentos Culturais, atuam no Carnaval desde 2011. Em 2020 e 2022, ganharam o Prêmio Plumas e Paetês como assistentes de coreógrafos de comissão de frente no Grupo Especial e no Grupo de Acesso, respectivamente. No currículo, além de diversos espetáculos de dança, tanto para companhias oficiais (como a Companhia de Ballet da Cidade de Niterói) como para grupos independentes, e teatro, estão também a elaboração de livros de arte, conteúdo áudio visual e eventos de arte, cultura, educação e esporte.

Tauã Delmiro - Tauã Delmiro é ator, compositor, dramaturgo e diretor teatral. Em 2021 foi destaque da lista Under 30 da Forbes Brasil, com jovens de até 30 anos mais promissores do país. Foi indicado a melhor ator em teatro musical no Prêmio Cesgranrio e no Prêmio Botequim Cultural com o espetáculo "70 – Década do Divino Maravilhoso – Doc. Musical" (2018). Em "Title of Show" (2017), foi indicado como melhor diretor. Com seu monólogo infantil "O Edredom" (2015) recebeu 12 indicações para prêmios de teatro infanto-juvenil e saiu vitorioso em 4 delas.

Christina Gall - Com mais de 20 anos de profissão na área, Christina Gall é visagista, pioneira em *airbrush* no Brasil, carregando o título de ser a primeira a utilizar essa técnica no rosto das noivas. Foi premiada internacionalmente, por três anos consecutivos, como melhor maquiagem de noiva pelo ZANKYOU, prêmio ZIWA. Trabalhou com maquiagem de caracterização e efeito especial para a TV Globo, moda, publicidade, maquiagem artística e beleza. Há três anos, assina a maquiagem da Viradouro.

Bárbara Mesquita - Bailarina formada pela Escola de Dança Spinelli e Escola Estadual de Dança Maria Olenewa. Segue na cena como bailarina, atriz e cantora, em grandes eventos, carnaval, teatro musical, shows e áudio visual.

Luca Moriconi - Professor do Instituto de Física da UFRJ, cuja pesquisa concentra-se nos aspectos fundamentais da dinâmica de fluidos, Doutor pela PUC-Rio, Pós-Doutor pela Universidade de Princeton (EUA), com posições temporárias de professor visitante na Ecole Normale Supérieure de Lyon (França) e pesquisador associado do International Centre of Theoretical Physics (Itália).

Elenco:

- | | |
|--|------------------------------------|
| - Adilson dos Santos Silva | - Flaviny Ferreira de Oliveira |
| - Allan Bastos Silva da Rocha | - Gabriel dos Santos Pereira |
| - Ana Carolina Silva de Carvalho Lima | - Ingrid da Silva França Schulte |
| - Ana Lúcia Alves Gregório | - Jadson Martins da Silva |
| - Anna Luísa Landim Souza | - João Luis da Matta |
| - Anna Maria R. Pereira dos Santos Callado | - João Victor dos Santos Pinto |
| - Bruno Silva Saldanha Dias | - Júlia da Silva Joaquim Rodrigues |
| - Claryssa dos Reis Oliveira | - Laís dos Santos Ribeiro |
| - Diego Alberto Santos do Nascimento | - Lucas Esteves |
| - Eddardo Vieira Jardim | - Tatyane do Amparo de Oliveira |
| - Enya Christine Moreira da Silva | - Thamyres Nunes Oeda |
| - Evandro Ricardo Machado | - Thiago Alves Santiago |
| - Felipe Santos do Nascimento | - Wesley Joao dos Santos Torquato |
| - Fernanda dos Santos | - Yuri Nascimento Ferreira |

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Julinho Nascimento	Idade 49 anos
1ª Porta-Bandeira Rute Alves	Idade 49 anos
2º Mestre-Sala Thiaguinho Mendonça	Idade 33 anos
2ª Porta-Bandeira Amanda Poblete	Idade 26 anos
3º Mestre-Sala João de Oliveira	Idade 22 anos
3ª Porta-Bandeira Duda Martins	Idade 26 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: O Reino Místico das Lagoas de Uidá

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confeção: Fernando Magalhães

O que representa: Às margens da saída para o Oceano Atlântico, Uidá era um reino localizado na região do golfo do Benim. O local abrigava uma grande comunidade costeira, os couranos, que viviam às margens de grandes lagoas. As águas da região legaram ao povo local um intenso desenvolvimento da agricultura e atividades pesqueiras, além de uma conexão mística com entidades cultuadas na costa ocidental do continente africano. A fantasia do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira é inspirada na arte do Benim, mesclada com elementos aquáticos estilizados que enfeitiçam a menina courá diante da sua visão profética.



*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Guardiãs 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Menina Courá

* Algumas das integrantes da Ala 01 (A Menina Courá), ao chegarem à frente das cabines de julgamento, irão se deslocar para formarem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, criando uma cena em que Rosa se vê diante da nobreza e das visões diante do espelho d'água de Uidá.

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Bianco Ferraro

O que representa: Nascida entre as águas revoltas próximas ao Porto de Uidá (ou Ajudá, em forma aportuguesada), na Costa da Mina, um dos maiores entrepostos escravistas da história da humanidade, Rosa carregou na pele as memórias dos antepassados. Entre as lagoas da região e o oceano revoltado que banhava a costa, a courana viveu os seus primeiros anos sob lembranças e visões aquáticas que cercavam a sua origem. A indumentária da ala de abertura é formada por elementos em tons de laranja e cobre, em meio a rasuras em verde alusivas à presença das águas costeiras que revelam as lembranças da criança, capturada em sua terra natal e trazida forçadamente ao Brasil. No chapéu das integrantes da ala, a gota representa o início das vertigens e predições diante da travessia do Atlântico rumo ao novo destino.



***Essa imagem é original e serve como referência.**

Um dos casais mais vitoriosos da Marquês de Sapucaí traz para o próximo desfile uma coreografia que utiliza a letra e a melodia do samba como elemento inspirador para a dança. Rute Alves e Julinho Nascimento unem a tradição do bailado com a dramaticidade que o enredo pede. Tudo isso sob o olhar rigoroso e artístico de Celeste Lima, ensaiadora com larga experiência no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Julinho Nascimento: Começou sua trajetória no samba em 1986, no Corações Unidos do CIEP, como mestre-sala mirim. Em 1988, passou a integrar a Tradição, e, em 1990, recebeu a missão de ocupar o posto de primeiro mestre-sala da agremiação, dançando com sua madrinha, a lendária porta-bandeira Vilma Nascimento. A história com a Viradouro começou em 2006, mas Julinho também emprestou seu sofisticado bailado a outras coirmãs, como Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca. Em 2018, o dançarino voltou a defender o pavilhão da Viradouro e, com Rute Alves, com quem forma um dos pares mais respeitados do Carnaval, ajudou a fazer da escola de Niterói a campeã da temporada da Série A. A dupla conquistou, ainda, notas máximas em 2019 (vice-campeonato) e 2020 (campeonato). Na carreira, o mestre-sala da vermelho e branco tem três títulos do Grupo Especial: 2013, Vila Isabel; 2014, na Unidos da Tijuca; e 2020, Unidos do Viradouro. Julinho também foi agraciado em 4 edições do Estandarte de Ouro, conceituada premiação do jornal O Globo (2009, 2010, 2011, 2012). Com isso, o casal segue sendo referência quando o assunto é elegância, leveza e beleza na arte do bailado

Rute Alves: São 26 anos como porta-bandeira, 14 deles dançando ao lado de Julinho Nascimento. Essa experiência se traduz em segurança e técnica na hora de encarar a responsabilidade de se apresentar para o público e jurados da Avenida. Ingressou na Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte presidida por Manoel Dionísio em 1996. No ano seguinte, estreou na Marquês de Sapucaí, sendo escolhida em concurso para ser a primeira porta-bandeira da São Clemente, embora estivesse concorrendo para o posto de segunda porta-bandeira. Com passagens por agremiações de grande relevância no Carnaval, como Portela, Porto da Pedra, Salgueiro, Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, ganhou duas vezes o Prêmio Estandarte de Ouro e foi por quatro vezes campeã no Grupo Especial.

Ensaiadora do Segundo Casal:

Celeste Lima: Bailarina e ensaiadora do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Celeste Lima é responsável por todas as obras do repertório clássico e moderno da companhia. Atualmente, é coreógrafa e ensaiadora do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, desenvolvendo há cinco anos um trabalho personalizado, que consiste em aprimorar as técnicas da dança tradicional do casal no que diz respeito à elegância e realizar o refinamento dos movimentos, ao mesmo tempo respeitando a identidade e o estilo de cada um.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Espirais de Possessões

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Murilo Moura

O que representa: No girar da saia, uma espiral de energias sobrenaturais se apossa de Rosa. As velas, posicionadas em movimento ascendente, representam a busca pela elevação espiritual. As chamas se apresentam como elo entre o mundo terreno e o reino dos espíritos, que são purgados em rituais de exorcismo. No bailar do casal, o misticismo da courana se manifesta em forma de fogo, giro e movimento e faz crepitar os assombros da alma.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

Guardiãs do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Protetoras da Espiral Mística

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: A guarda do segundo casal complementa a cena das espirais de possessões, reproduzindo as chamas em formas espiraladas que representam o movimento sinuoso desenhado pelo fogo nas saias das componentes. As espirais têm um profundo sentido místico. São linhas curvas que, sem se fecharem, dão voltas crescentes em torno de um único ponto. Assim, buscam a elevação aos céus em chamas misteriosas e purificadoras.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Em 2023 será apresentada uma coreografia com elementos da feitiçaria e possessões, sem deixar de apresentar movimentos tradicionais da dança do casal. Toda a magia e feitiçaria, surge nos giros e espirais da porta-bandeira e movimentos de braços e riscados do mestre-sala.

Thiaguinho Mendonça: Dançou pela primeira vez como mestre-sala em 2011 na Mocidade Unida da Cidade de Deus e Renascer de Jacarepaguá, onde permaneceu até 2016. Passou por escolas como Difícil É o Nome e Portela. Em 2017, chegou à Imperatriz Leopoldinense, onde esteve por seis carnavais. Atualmente defende a União da Ilha do Governador e a Unidos do Viradouro como segundo mestre-sala. Thiaguinho também teve passagens por agremiação em Brasília, Juiz de Fora, Campos dos Goytacazes, e Porto Alegre. Acumula prêmios como S@mbaNet, Jorge Lafond, Zirigdum, Estrelas do carnaval, SRZD Carnavalesco, Jornal do Sambista, Samba na Veia e outros.

Amanda Poblete: É licenciada em Educação Física e pós-graduada em Dança e Consciência Corporal. Em 2023 completa 14 anos como porta-bandeira, tendo passagens por agremiações como Sereno de Campo Grande, Unidos de Padre Miguel, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Renascer de Jacarepaguá, Paraíso do Tuiuti, Vila Isabel e São Clemente. Ao longo de sua trajetória, conquistou prêmios como S@mbaNet, Estrela do Carnaval, Jornal do Sambista, Samba na Veia e foi bicampeã do Prêmio Jorge Lafond. Atualmente, Amanda e Thiaguinho formam o 2º casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro e também o 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira da União da Ilha do Governador.

Ensaíadora do Segundo Casal:

Marluce Medeiros: Bailarina e coreógrafa. É pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas e graduada em Educação Física. É diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e diretora residente do espetáculo “Bem Sertanejo - o Musical”. É presidenta do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. Atua como profissional da dança em TV, teatro, filmes, comerciais, novelas e musicais. Atualmente é coreógrafa de Amanda Poblete e Thiaguinho Mendonça na Unidos do Viradouro e União da Ilha do Governador, bem como do terceiro casal da Viradouro Duda Martins e João Oliveira.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Flor do Rio

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: Cortejada por devotos, que a viam como santidade viva, a courana desfilava pelos templos cariocas colhendo admiração religiosa e curiosidade popular. A expressão “Flor do Rio” lhe foi concedida pelos frades franciscanos, que a viam como uma predestinada serva de Deus. Uma Rosa mística, regada a água benta e brotada do chão árido. A flor, portanto, era de um Rio de milagres, quermesses e profanas santidades que se espalhavam por uma cidade cheia de pecados e virtudes.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira desfilará com o pavilhão apresentando as cores azul e rosa, uma estilização a partir do desenho original com que a Unidos do Viradouro se apresentou até a mudança para as cores definitivas (vermelho e branco), ocorrida entre o final da década de 1960 e início dos anos de 1970.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Dois jovens dançarinos que têm na agilidade uma das suas grandes marcas. Giros fortes e precisos, aliados a uma coreografia vigorosa fazem com que esse jovem casal, escolhido no concurso realizado pela Viradouro no último Carnaval, tenha a certeza de uma apresentação de excelência. A coreografia é de Marluce Medeiros, também responsável pela preparação do segundo casal.

João de Oliveira: João de Oliveira atua como mestre-sala desde os 14 anos, quando foi revelado por Daniel Ghanen para dançar na escola mirim da União da Ilha do Governador. O jovem tem passagens como 2º mestre-sala do GRES Arrastão de Cascadura, 1º mestre-sala do GRES Nação Insulana, onde por dois anos garantiu a nota máxima para a agremiação. Ele teve ainda participações em projetos de casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela, Renascer de Jacarepaguá e Viradouro. Com notável reconhecimento, foi convidado pela diretoria da vermelho e branco de Niterói para assumir o posto de terceiro mestre-sala neste Carnaval.

Duda Martins: Começou a dançar com apenas cinco anos, na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio. Além de fazer parte do projeto de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, onde participou e ganhou o concurso para defender o terceiro pavilhão da agremiação para 2022.

Ensaiaadora do Terceiro Casal:

Marluce Medeiros: Bailarina e coreógrafa. É pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas e graduada em Educação Física. É diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e diretora residente do espetáculo “Bem Sertanejo - o Musical”. É presidenta do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. Atua como profissional da dança em TV, teatro, filmes, comerciais, novelas e musicais. Atualmente é coreógrafa de Amanda Poblete e Thiaguinho Mendonça na Unidos do Viradouro e União da Ilha do Governador, bem como do terceiro casal da Viradouro Duda Martins e João Oliveira.

Ala 23- Grupo de Casais de Mestre-Salas e Porta-Bandeiras Mirins

Nome da Fantasia: Nosso Manto em Devoção

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: Bandeiras desfraldadas para aclamar Rosa Maria! A menina courana que passou como ventania pelo Brasil colonial agora recebe as bênçãos do nosso pavilhão vermelho e branco como forma de devoção. A procissão de manifestações populares em louvação à santa aclamada em cortejos se completa com o bailar de bandeiras que espalham aos quatro ventos a energia dos ancestrais do samba.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**